



PROFLETRAS

Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Universidade Federal de Sergipe
Campus Prof. Alberto Carvalho
Programa de pós-graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS)
Unidade Itabaiana

José Augusto de Souza

A POESIA DO SERTÃO:
UM DESEJO DE ARTICULAÇÃO DE SABERES

Itabaiana – SE
2016



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Universidade Federal de Sergipe
Campus Prof. Alberto Carvalho
Programa de pós-graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS)
Unidade Itabaiana

JOSÉ AUGUSTO DE SOUZA

A POESIA DO SERTÃO:
UM DESEJO DE ARTICULAÇÃO DE SABERES

Dissertação do Trabalho de Conclusão Final (TCF) apresentada à Universidade Federal de Sergipe - UFS, Campus Itabaiana/SE, como requisito necessário para a obtenção do Título de Mestre em Letras no Programa de Mestrado Profissional em Rede – PROFLETRAS.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Christina Bielinski Ramalho

Itabaiana –SE

2016

JOSÉ AUGUSTO DE SOUZA

A POESIA DO SERTÃO:
UM DESEJO DE ARTICULAÇÃO DE SABERES

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho.

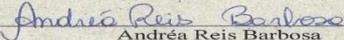
Banca Examinadora

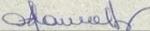
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62





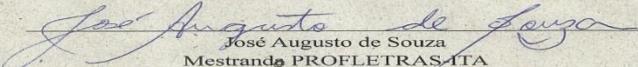
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana


 Andréa Reis Barbosa
 Secretária Executiva


 Christina Bielinski Ramalho
 Presidente da Comissão Julgadora


 Alberto Roiphe Bruno
 Examinador externo ao programa


 Fábio André Cardoso Coelho
 Examinador externo à instituição


 José Augusto de Souza
 Mestrando PROFLETRAS-ITA

Universidade Federal de Sergipe
 Campus Professor Alberto Carvalho
 Avenida Vereador Olímpio Grande, S.n.
 Tel. (079) 3432-8237 profletrasita@gmail.com

2

Aprovada em 01 de dezembro de 2016

Itabaiana – SE
2016

Dedico este trabalho a Deus, minha maior motivação, a quem devo a minha vida, meus sonhos, minhas conquistas... A minha esposa, de cuja presença muito me ausentei, por conta de meu trabalho e pela busca por esta conquista, ora realizada, e que, ainda assim, deu-me força para que eu conseguisse lograr êxito e chegasse até aqui, a este dia tão esperado, o dia da defesa, que denota algo tão relevante. Dedico, também, a meus “Augustos”, meus filhos Augusto Júnior (o primogênito), Alefy Augusto, Cledson Augusto, Pedro Augusto, Ruan Augusto, a minha filha Brenda Loren e a meu neto Arthur Miguel, de quem ressurgiu a minha alegria e, sobretudo, a certeza de que bons frutos ainda virão.

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de expressar, de extravasar a alma e, sem dúvida, de poder ratificar que foram muitos os empecilhos, as dúvidas e o desânimo, mas, ainda assim, consegui lograr êxito.

A priori, quero agradecer a Deus, por ter me impulsionado a avançar, independentemente de qualquer circunstância, criando sempre uma expectativa para mim, partindo do princípio de que a expectativa me motiva muito mais que o resultado, de modo que gerou um novo olhar sobre a minha vida.

Agradeço a meus pais, Antônio Alves de Souza e a Maria da Graça de Souza (in memoriam), a quem devo minha vida e, mais precisamente, a minha mãe que nunca desistiu de mim, embora não tivesse nenhuma formação muito me incentivou, somando esforços para que eu chegasse até aqui.

A minha esposa Maria Odete que, embora não colaborasse diretamente, deu-me forças para eu prosseguir, porque tinha pressa que eu terminasse o quanto antes, e a meus filhos, que, em algum momento, contornaram situações para que o meu sonho não fosse tolhido.

Aos colegas do PROFLETRAS, tanto àqueles com que criamos um laço afetivo e de cumplicidade, como também àqueles que não houve um estreitamento maior de amizade, mas com certeza contribuíram de alguma forma durante esses dois anos de convivência.

À diretora da DRE'09 Meire Ferreira da Silva, que muito contribuiu para o sucesso desta empreitada, dando-me apoio nos momentos que precisei, e aos demais colegas, muito obrigado.

Aos Bispos Joseclan Chagas e Luciana Andrade, aos Pastores Jairzinho Vieira e Sandra Amorim. Estes fizeram a diferença em minha vida, pagaram o preço por mim, ensinaram-me o caminho que devo seguir, logo sou muito grato a vocês.

Ao diretor do Colégio Estadual Cícero Bezerra Jonas José Matos Neto, às coordenadoras pedagógicas Geane, Cícera e Ivanilde, à secretária Ely e aos demais funcionários da escola pela receptividade e suporte, muito obrigado.

A meus alunos, sem os quais eu não teria realizado este trabalho. Que eles possam amadurecer a ideia de que ler textos traz desafios e de que quem não lê não tem muito a dizer.

A minha orientadora professora Dr^a Christina Bielinski Ramalho, pelo cuidado, pelo entusiasmo, pela paciência e pela motivação que nos passava, quando abraçou esta causa, uma mulher que trabalha com a alma e gosta do que faz. Muito obrigado.

À Universidade Federal de Sergipe em consonância com a Coordenação do PROFLETRAS UFS – Itabaiana e a todos os meus diletos professores a saber: Carlos Magno, Christina Bielinski Ramalho, Márcia Mariano, José Ricardo Carvalho, Mariléia Reis, Jeane de Cássia, Beto Viana e Derli Machado. Estes que nos passaram o conhecimento, mostrando-nos o caminho certo para chegarmos, de fato, à consolidação da prática de ensino.

A minha querida Andréa Reis, secretária do PROFLETRAS, uma figura ímpar, com toda a sua gentileza, delicadeza, gerando, também, complacência e solicitude, muito obrigado.

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente, que caminharam e vibraram comigo para realização deste sonho.

Ao cabo, agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por ter me concedido bolsa durante todo o período de Curso do Mestrado.

MUITO OBRIGADO!

A POESIA DO SERTÃO: UM DESEJO DE ARTICULAÇÃO DE SABERES

RESUMO

Este trabalho traz uma proposta de investigação e aprimoramento das práticas de leitura, produção textual e formação do leitor, sob as perspectivas da contextualização, pertinência do texto literário no âmbito escolar, intertextualidade, relevância comunicativa e prática social. Ele foi desenvolvido à luz da proposta de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar concernente à formação do leitor, bem como a partir do que formulou Rildo Cosson em relação ao letramento literário. Propõe-se aqui uma prática didática de leitura e produção a partir da poesia, com a apresentação de oito textos poemas com temática sertaneja, com a finalidade de, destacando a própria realidade discente, proporcionar aos alunos do Ensino Fundamental Maior (6º ano) o entendimento de literatura e sua função social. A metodologia adotada oferece atividades que visam à formação da leitura proficiente e à apropriação da escrita, a partir do modelo de sequência básica do letramento, aliado ao método recepcional e à utilização de recursos tecnológicos, de que é exemplo o WhatsApp. Intenciona, enfim, a partir do enfoque à temática do sertão, levar para a sala de aula a realidade do discente, de modo criativo, prazeroso, dinâmico.

PALAVRAS-CHAVES: Formação do leitor. Leitura. Letramento literário. Prática social. Whatsapp.

THE POETRY OF THE SERTÃO: A DESIRE OF ARTICULATION OF KNOWLEDGE

ABSTRACT

This work presents a proposal for research and improvement of the practices of reading, textual production and reader formation, under the perspectives of contextualization, pertinence of the literary text in the school context, intertextuality, communicative relevance and social practice. It was developed based on the proposal of Maria da Gloria Bordini and Vera Teixeira de Aguiar concerning the formation of the reader, as well as from what formulated Rildo Cosson in relation to literary literacy. It is proposed here a didactic practice of reading and production from poetry, with the presentation of eight poems with “sertaneja” theme, and highlighting the student reality itself, provide for students of Elementary School (6th grade) the understanding of literature and its social function. The methodology adopted offers activities that aim at the formation of proficient reading and the appropriation of writing, based on the basic sequence of literacy, combined with the receptive method and the use of technological resources, for example WhatsApp. Finally, it intends to take the reality of the student into the classroom in a creative, pleasant, dynamic way, from the focus on the theme of “sertão”.

KEYWORDS: Formation of the reader. Reading. Literary literacy. Social practice. Whatsapp.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO-----	11
2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS-----	18
2.1 Leitura e escrita como prática social-----	18
2.2 Leitura do texto literário na escola-----	21
2.3 O sertão X os sertões carregados de significados-----	24
2.4 A poesia: suas facetas e um novo olhar às imagens -----	27
3. A METODOLOGIA PROPOSTA-----	32
3.1 O uso das TDIC's-----	33
3.2 A intertextualidade sob uma perspectiva da interdisciplinaridade (Língua Portuguesa, Redação e Artes)-----	35
3.3 Etapas do projeto-----	37
3.3.1 1ª Etapa-----	38
3.3.2 2ª Etapa-----	44
3.3.3 3ª Etapa-----	53
3.3.4 4ª Etapa (Momento em que, de fato, acontece a escrita)-----	54
3.3.5 5ª Etapa-----	55
3.3.6 Quadro resumo das etapas e atividades-----	56
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS-----	58
4.1 Gráfico Representativo-----	59
4.2 Aspecto 1 – A imagem como um despertar ou um novo olhar-----	60
4.3 Aspecto 2 – A leitura dos textos com entonação e destreza-----	60
4.4 Aspecto 3 –A compreensão do conteúdo temático dos poemas-----	61
4.5 Aspecto 4 – A análise dos textos e a dicotomia entre a realidade e a arte-----	61
4.6 Aspecto 5 – A valorização da linguagem poética-----	62
4.7 Aspecto 6 – A oficina como elemento atitudinal-----	62
4.8 Aspecto 7 – A hora da escrita (produção de poemas)-----	63
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	64
6. REFERÊNCIAS-----	65
7. APÊNDICES-----	67
APÊNDICE A – Questionário para o aluno (6º ano)-----	68
APÊNDICE B – Questionário para os familiares do aluno (Entrevista)-----	69
APÊNDICE C – Questionário para o professor de Língua Portuguesa-----	70
APÊNDICE D – Roteiro de apresentação-----	71
APÊNDICE E – Glossário-----	72
APÊNDICE F – Transcrição dos pontos de vista dos alunos em relação ao gênero poema e a prática social (por amostragem)-----	73
APÊNDICE G – Imagens das etapas de execução do projeto-----	74
APÊNDICE H – Textos produzidos pelos alunos (por amostragem)-----	77
8. ANEXOS-----	79
ANEXO A – Termo de confidencialidade-----	80
ANEXO B – Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos-----	81
ANEXO C – Termo de consentimento livre esclarecido-----	82

Um novo olhar pro sertão

*A poesia do sertão
Surgiu na hora certa
Aqui nesta região
Como um grito de alerta,
Sem sofrer retaliação
Num momento que desperta.*

*O povo estava cansado
De receber tudo pronto
Agora entusiasmado
Sem demonstrar o confronto,
Esquecendo do passado
Como se fizesse um conto*

*Neste solo ressequido
Que se falava outrora
É o meu sertão querido
Novo olhar tenho agora,
Como um eco foi ouvido
Onde a poesia aflora.*

(Augusto Souza)

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultante das discussões realizadas na disciplina “Leitura do texto literário” acerca das práticas de leitura no processo de ensino e aprendizagem, que impulsionaram a criação de uma metodologia de ensino de leitura que parte da apresentação de uma seleção de oito textos líricos voltados para a temática do sertão, a partir dos quais se elaborou uma proposta de leitura, de modo a se trabalhar o texto literário como uma questão social. Para dimensionar as reflexões e as práticas necessárias para se consolidar tal proposta, foram necessários: o aprofundamento teórico acerca do conceito de texto literário e de letramento literário; o estudo das relações existentes entre a leitura do texto literário e a invenção ou reinvenção de uma realidade plural; e o levantamento de considerações sobre as experiências sabidas, vividas e pressentidas, por parte dos discentes, que também incidem e estão envolvidas no processo de leitura.

O ponto de partida da metodologia criada é apresentar, de forma socialmente engajada, textos literários centrados em uma unidade temática, partindo do princípio de que a mistura de vários temas, em um primeiro momento, poderia impedir um mergulho mais profundo no exercício da leitura literária.

Um texto se desenvolve em torno de um tema, ou de um tópico ou, ainda, daquilo que, convencionalmente, costuma-se chamar de ideia central. Essa unidade funciona como um fio, um eixo, que faz cada parte, cada segmento, convergir para um centro. Essa unidade é que permite a elaboração de uma síntese ou de um resumo, o entendimento dos títulos e subtítulos, a localização dos tópicos secundários, o discernimento entre as ideias principais e aquelas outras secundárias. Reunir textos de temática igual ou semelhante permite, na exploração da leitura literária, o desenvolvimento maior da percepção do “como” um texto literário desenvolve determinado tema, pois, pelo conjunto e suas variações, o discente-leitor percebe, simultaneamente, semelhanças e diferenças no tratamento literário que se dá a um tema. Ou seja, de um conjunto de leituras chega-se a análises plurais que, no entanto, convergirão para a unidade temática elencada. Neste caso, a temática do sertão justifica-se pelo vínculo explícito com a realidade de um segmento rural do ensino sergipano.

Analisar textos, como se sabe, é procurar descobrir, entre outros pontos, esquemas ou estratégias de composição; orientações temáticas, propósitos comunicativos. É procurar

identificar suas partes constituintes; as funções pretendidas para cada uma delas; as relações que guardam entre si e com elementos da situação ou da realidade; os efeitos de sentido decorrentes de escolhas lexicais e de recursos sintáticos. É procurar o conjunto de suas regularidades, aquilo que costuma ocorrer na sua produção e circulação como gênero, apesar da imensa diversidade de gêneros, propósitos, formatos, suportes em que eles (os textos) podem acontecer (ANTUNES, 2010, p. 49). Nesse âmbito, o tema como suporte ou fonte de aproximação entre textos uniu-se à escolha do poema como gênero a ser explorado em análises literárias ora individualizadas ora concomitantes.

Com a análise de textos literários (e aqui, em especial, o texto lírico), podemos investir na nossa capacidade de “perceber as propriedades, as estratégias, os meios, os recursos, os efeitos, enfim, as regularidades implicadas no funcionamento da língua em processos comunicativos de sociedades concretas, o que envolve a produção e a circulação de todos os tipos de textos-em-função” (ANTUNES, 2010, p. 51).

O que se pretendeu, a partir das reflexões sobre leitura, letramento, o gosto pela poesia e a presença do sertão como tema literário, foi elaborar uma metodologia de trabalho com a poesia na sala de aula, a partir do investimento na construção de um olhar diferenciado em relação ao ato de ler e à prática da escrita. Essa pretensão nos levou ao aprofundamento em questões básicas relacionadas a esses eixos de sustentação da proposta elaborada. Questões nos pediram respostas: qual o papel da escola e do docente no incremento das práticas de leitura e escrita literárias?; como tornar mais dinâmicas as práticas de leitura na sala de aula?; como proporcionar aos discentes sertanejos a experiência de pensar o sertão como uma realidade própria que lhes confere, inclusive, identidade? Faremos, a seguir, breve incursão sobre algumas possíveis respostas a essas questões.

De modo geral, no vasto campo da leitura, as práticas discursivas de letramento no espaço educacional assumem importância fundamental, por conta do papel que desempenham na formação do indivíduo como ser social. Cabe à escola assumir as rédeas de um processo que lhe é pertinente, e que deve ser sua meta maior: formar o discente para o exercício linguístico e literário da cidadania. Os estudos atuais sobre o letramento têm demonstrado sua importância, seja na prática escolar, opondo-se à concepção tradicional e mecanicista de alfabetização, seja como prática social de forma abrangente.

No âmbito das ações docentes, que, obviamente, estão integradas às rotinas escolares, é preciso que o professor contribua para esse processo de investimento na qualidade da formação leitora, dinamizando sua experiência de trabalho com o incentivo à leitura, tornando a prática efetiva de leitura e escrita de textos literários uma realidade em sua sala de aula. O docente incentiva o aluno a perceber que ler, assim como brincar, pode ser um ato prazeroso. Se o professor gosta de ler, é capaz de mobilizar o aluno para a leitura também, porque comunicamos melhor aquilo que sabemos e gostamos de fazer. Para Rildo Cosson,

Não é possível aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada a atividade escolar de leitura. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola. Por trás dele encontram-se pressuposições sobre leitura e literatura que, por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizadas. Daí a pergunta honesta e o estranhamento quando se coloca a necessidade de se ir além da simples leitura do texto literário quando se deseja promover o letramento literário. (COSSON, 2014, p. 26)

Partindo do pressuposto de que a escola é uma das agências mais importantes para o letramento, a leitura deve ser o eixo norteador de todo processo de ensino e aprendizagem e, por isso, deve ser considerada uma prática voltada para a formação de leitores e não de "alfabetizados". O leitor precisa ser visto, na perspectiva bakhtiniana, como "responsivo", isto é, como alguém que adota uma postura de compreensão ativa: "Concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar" (BAKHTIN, 2003, p. 291) e cumpre sua função protagonista de sujeito que interage e se comunica.

As práticas de letramento, no âmbito da sala de aula, assumem importância fundamental por conta do papel que desempenham na formação do indivíduo enquanto ser social. Por outro lado, com o advento dos textos multimodais, a importância social da imagem tem aumentado de forma considerável. Através de práticas relacionadas ao que chamamos de realidade virtual, a vida pessoal, pública e profissional vem mudando consideravelmente, e essas mudanças, conseqüentemente, transformam a cultura, bem como o modo de comunicação.

Trabalhos inovadores no âmbito educacional com relação à aquisição de um letramento multimodal são urgentes. Contemplando essa necessidade e diante da proposta do

curso do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal de Sergipe, propõe-se aqui uma metodologia de leitura e produção de textos, tendo como principal ferramenta o celular e, mais precisamente, a utilização do aplicativo WhatsApp para alunos do Ensino Fundamental Maior, visto que este gênero textual é pouco trabalhado na escola. Leva-se, portanto, em consideração a proposta do curso de se fazer uma intervenção que instigue os alunos à leitura e ao uso desta nas práticas sociais, de modo que o produto a ser trabalhado sirva como meio de apropriação da linguagem escrita para o aprendizado do ato de ler.

Esse objetivo geral engloba, entretanto, passos menores, que configuram os objetivos específicos, naturais em qualquer metodologia. Assim, pode-se dizer que também se buscou, com o método criado:

- Enfocar a leitura oral de poemas como uma espécie de ponto de partida, de modo que o aluno-leitor pudesse ter seu interesse despertado para o gênero;
- Incentivar a leitura e a produção do texto lírico, com uma abordagem do método recepcional;
- Promover uma reflexão sobre a poesia que tanto considerasse sua faceta subjetiva e emotiva, como sua dimensão mais plástica, objetiva e voltada para a observação da realidade externa, de modo a concretizar, no aluno-leitor, a vivência ou a descoberta do poema através do olhar de quem vê;
- Tornar a leitura de poemas uma prioridade no âmbito do trabalho de compreensão dos sentidos de um texto, sendo este inserido nas práticas sociais e culturais;
- Promover uma proposta pedagógica que propiciasse o êxito no aprendizado das práticas da leitura e da escrita de poemas, de modo que pudessem ser criadas alternativas para extinguir ou, ao menos, minimizar, os insucessos na aquisição destas práticas;
- Apresentar a relação entre a poesia e a linguagem na perspectiva da prática social;
- Interpretar poemas e canções, levando em conta uma sequência de ideias ou acontecimentos que estão implícitos no texto;
- Desenvolver, no aluno-leitor, uma compreensão mais crítica de poesia;
- Levar o aluno-leitor a produzir poemas a partir de imagens propostas.

- Utilizar o recurso do WhatsApp como canal para a circulação dos textos produzidos.

Em termos de abordagem às questões teóricas, críticas e práticas que dizem respeito ao projeto realizado, dividimos este Trabalho Final de Curso em 03 capítulos. No capítulo intitulado “Considerações teóricas”, abordaremos: a leitura e a escrita como prática social; a leitura de textos literários na escola; as representações do sertão, que derivam na visão de diferentes “sertões”; e as facetas teóricas do gênero lírico. Os autores e as obras que deram sustentação a este capítulo foram: Cagliari, os PCN’s, Furst, Geraldí, Lajolo, Giroto & Souza, Brasil, Coelho, Azevedo, Colomer & Camps, Aguiar & Bordini, Koch, Santos, Secchin, Wellek & Warren, Splenger, Silva, Klauck e Zilberman. Na relação entre seus diferentes pontos de vista e abordagens, chegamos à visão panorâmica das relações entre a produção literária e a cultura, bem como ao reconhecimento de que as inter-relações do passado com o presente e os recursos estéticos presentes em textos literários fazem da literatura um produto da confluência de elementos sociais e estéticos.

No capítulo seguinte, “A metodologia proposta”, discriminamos o passo-a-passo realizado, destacando que metodologia usada para a execução do projeto partiu de uma pesquisa qualitativa e participativa com uma abordagem do método recepcional, centrada, principalmente, nas contribuições de Maria da Glória Bordini, Vera Teixeira de Aguiar e Rildo Cosson. Além disso, a intertextualidade, sob a perspectiva da interdisciplinaridade, com ênfase em Língua Portuguesa, Redação e Artes, consolidou-se como uma das etapas do projeto.

Cabe esclarecer que a seleção de poemas que constitui o *corpus* da metodologia proposta foi definida a partir dos seguintes critérios: sondagem escrita (para descobrir o que eles já haviam lido), discussão do gênero e depois do autor, análise, interpretação e apropriação dos textos, e na visão que os alunos tinham, em relação à temática sertanista. Além disso, investimos na crença da eficácia de uma subjetividade da leitura planejada; na capacidade de desarticulação do simples, do trivial na temática dos poemas; no enfoque da intertextualidade; na teoria da recepção como forma de chamar a atenção para o que o texto diz e o que a partir dele se vê; na concentração na prática de ensino, que é, sem dúvida a principal proposta do PROFLETRAS. Em seguida, essa perspectiva se pautou na definição

clara de poemas que tivessem em comum o “sema” natureza explicitamente presente, bem como o eu lírico manifesto, mais precisamente nos textos escritos em 1ª pessoa.

O poema “Simplesmente Sertão”, de Leandro Flores é sertanista, cordelista, jornalista e poeta, dimensiona o “ser” do sertão, e nos pareceu extremamente importante justamente por esse centramento nas coisas que definem o sertão como uma “existência” peculiar e individual. “Caipira do Sertão”, de Vainer de Ávila é escritor e presidente da Academia de letras de São João D’el-Rei, retrata um passado sofrido, que é motivo de orgulho para o sertanejo. A relação entre o ser “sertão” e o “ser do sertão” nos pareceu igualmente relevante. O mesmo se justifica em relação à escolha de “Meu Sertão”, de Rafaela Brito, é poetisa e lançou um livro de poesias, intitulado “Cada vida uma história”, seus poemas contemplam questões como o êxodo rural, a saudade e a melancolia. Já os poemas “É assim no Sertão” e “Seca”, de Guibson Medeiros, é cordelista, escreve poesia popular nordestina, normalmente em quadras e sextilhas e seus poemas revelam na sua totalidade tal qual é a realidade do sertão, bem como as dificuldades encontradas naquela região. “Meu Sertão II”, de Paulo Godin, apresenta um certo paradoxo, uma vez que fala da triste situação, mas tem esperança de ressurgir o novo, a bonança. O horizonte de expectativas do sertanejo aponta para outro desdobramento temático.” A triste partida”, de Patativa do Assaré, escrito de uma forma simples, “matuta”, foi escolhido porque, do ponto de vista da linguagem, apresenta uma riqueza de sonoridades que não envolve apenas rimas, mas, sobretudo, aliterações que surpreendem o leitor/ouvinte, além de, por sua abrangência de sentidos, abrir-se para um excelente trabalho interdisciplinar. Por último, foi escolhido “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, que é, sem dúvida, o poema mais popular do autor. Nele, o poeta desencadeia uma narrativa poética a partir de dois movimentos que aparecem no título. O poema enfatiza, nas suas 18 partes, que não há nenhuma possibilidade de o sertanejo escapar de uma sina que o conduz à morte. Por outro lado, vê-se notadamente que, de certa forma, ocorre um otimismo que nasce da confiança na capacidade humana de solucionar os problemas sociais. Estes poemas constituíram, portanto, a base necessária para implementar ações coerentes com a proposta, buscando um clima de cooperação, de diálogo, de respeito mútuo, de responsabilidade e de liberdade, de modo que possam contribuir para a construção de conhecimentos e valores.

Finalmente, em “Análise e discussão dos dados”, relatamos a experiência realizada com uma turma de 6º. Ano do Ensino Fundamental. Essa análise final nos permitiu verificar os sucessos e insucessos da metodologia criada. Tal procedimento é igualmente imprescindível em qualquer metodologia que se busque eficaz, uma vez que da prática se recolhem os necessários ajustes e/ou reformulações que não podem, de maneira alguma, desconsiderar as especificidades do grupo discente com o qual se trabalha. Esclarecemos, ainda, que, na análise final dos resultados, definimos oito aspectos a serem considerados: A imagem como um despertar ou um novo olhar; A leitura dos textos com entonação e destreza; A compreensão do conteúdo temático dos poemas; A análise dos textos e a dicotomia entre a realidade e a arte; A valorização da linguagem poética; A oficina como elemento atitudinal; O gênero poema (a percepção estética); e A produção de poemas.

De modo geral, entendemos que o trabalho realizado foi, sim, bem sucedido. Além disso, a experiência nos trouxe a certeza de que novos rumos nas práticas docentes se configuram como um caminho seguro para que as práticas de leitura e produção textual ganham espaço cada vez maior nas salas de aula do Ensino Fundamental.

Haja vista que, no final do trabalho, apresentamos os apêndices e os anexos que ilustram o encaminhamento da pesquisa e das atividades práticas a ela relacionadas.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Nesta seção, tratamos de algumas considerações teóricas e críticas fundamentais que revelarão os passos reflexivos que nos permitiram alcançar a elaboração da metodologia desejada para que o docente possa se organizar, em termos de conhecimentos relacionados às questões de ensino, leitura, produção textual e, especificamente, ao trabalho com o gênero lírico. Ainda que, particularmente, tenha sido a base teórica da metodologia por nós proposta e desenvolvida, reconhecemos nessa bibliografia um repertório seguro para que docentes em geral se pautem no momento de ampliarem e desenvolverem seus conhecimentos teóricos e críticos sobre o universo da leitura, da escrita e da literatura.

2.1 Leitura e escrita como prática social

Vê-se notadamente que, nas rotinas escolares de Língua Portuguesa, tanto no campo da leitura como no da escrita, ainda há uma grande demanda por formas criativas e inovadoras de se fazerem fluir as competências e as habilidades que levam o aluno-leitor a alcançar nível de proficiência satisfatório na leitura e na escrita.

Sobre a leitura, Cagliari afirma que,

A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá que ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma. A grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até a pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura (CAGLIARI, 2002, p. 148).

No âmbito da educação escolar, sabe-se que os PCN's do Ensino Fundamental (1998), na área de Língua Portuguesa, ao considerarem o conhecimento social do discente, reconhecem a necessidade de que as práticas de ensino na escola lhe possibilitem conquistar novas habilidades. Ao mesmo tempo, as orientações trazidas pelo documento privilegiam o domínio da linguagem como ponto de partida e chegada para a aquisição de novos conhecimentos, o que revela ser a linguagem um meio necessário ao exercício da cidadania, porquanto, por meio dela, os discentes expressam ideias, pensamentos e intenções, estabelecem relações interpessoais anteriormente inexistentes e influenciam o outro, alterando suas representações da realidade e da sociedade e o rumo de (re)ações (1998, p. 20).

Dado o papel relevante da literatura no âmbito das práticas de leitura escolar, compreende-se, a partir dos PCN's, haver, entre língua e literatura, uma unidade, que tem como centro o discente cidadão. Pode-se afirmar isso, visto que a noção de discurso dos PCN's nos leva a entender que, tanto para a leitura quanto para a escrita, o papel da literatura está em proporcionar aos discentes o contato com diferentes discursos, emitidos em distintos espaços e tempos. Ao mesmo tempo, através do diálogo entre a literatura e os mais diferentes textos que circulam socialmente, novas leituras e produções textuais podem ser alcançadas.

Segundo Antunes,

Perde sentido, então, aquela perspectiva ascendente da linguagem, segundo a qual, primeiro, se aprendem as palavras, depois as frases, para enfim, se chegar ao texto. Todos os segmentos de nossa atividade de linguagem, desde os primeiros balbucios, são entendidos e classificados como partes funcionais de um todo integrado: o texto (ANTUNES, 2010, p. 29-30).

Ele ainda afirma que

Fazer da textualidade o objeto de ensino não é, pois, ceder às teorias da moda ou um jeito de – como dizem alguns – deixar as aulas mais motivadas, mais prazerosas, menos monótonas. É muito mais que isso: é uma questão de assumir a textualidade como o princípio que manifesta e que regula as atividades de linguagem (Ibidem, 2010, p. 30).

Naturalmente, hoje, não podemos descartar das práticas de ensino de leitura literária a presença de determinados avanços tecnológicos. Nesse sentido, podemos aderir a novas linguagens e expressões textuais, sem desprezar a tradição literária. E aqui cabe lembrar o pensamento de Furst quando afirma que:

O ensino de Língua Portuguesa vem, desde os anos 70 sofrendo uma série de transformações. Novos enfoques vêm sendo dados, mas, com certeza só no início deste século aconteceu a grande virada. [...] hoje, o homem recebe, a todo instante, informações dos mais variados meios de comunicação, na grande maioria das vezes não mais produzidas apenas por palavras, mas por imagens eletrônicas atraentes e sedutoras (FURST, 2010, P. 13).

A leitura não é um hábito, uma ação que se repita irrefletidamente ou de forma automatizada. A leitura é uma prática social, refletida, sentida, fruída, que precisa ser internalizada e fazer sentido. Logo, a partir desse ponto de vista, uma atenção particular é dada à articulação ler/escrever, como bem diz Gerald:

Aprender a ler é (...) ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontraremos frente a frente e, por interagirmos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações. Isto é ler. E escrever é ser capaz de colocar-se na posição daquele que registra suas compreensões para ser lido por outros e, portanto, com eles interagir (GERALDI, 1996, pp. 70-71)

A forma como aprendemos a ler e a escrever há pouco tempo, quando fomos adolescentes, não mais chama a atenção da maioria dos nossos alunos, nativos digitais. Os tempos mudaram, e o perfil do aluno é totalmente outro, mas há quem insista em dar aulas tradicionais, que não dialogam com essa nova realidade, a digital. Novos gêneros textuais emergiram do cerne das práticas sociais mediadas pelo mundo virtual. Todavia, pode-se perceber que, mesmo depois do aparecimento de novas tecnologias, Cagliari discorre que,

na prática da maioria das escolas, a leitura e a escrita acontecem simultaneamente, mas em grande parte das atividades a ênfase maior é em relação à escrita. Isso ocorre devido à facilidade de controlar os acertos e erros da escrita, porém com a leitura não é possível estabelecer esse controle, pois o professor jamais saberá o que está se passando na mente de um aluno que lê em silêncio, por exemplo (CAGLIARI, 2002, p.36).

Contudo, tal como afirma Lajolo,

É na posição de leitor que se encontram as credenciais mais fortes para quem quer discutir o perfil do indivíduo que livro aberto nas mãos, no silêncio de sua leitura, pergunta ao escritor que não pode esquivar-se da resposta: trouxeste a chave? Com ou sem chaves, leitor e escritor são facetas de uma mesma moeda, não obstante as quebras-de-braços em que às vezes ambos se confrontam (LAJOLO, 1994, p. 33).

No processo de se investir na proficiência do aluno-leitor, deve-se dar especial atenção à inferência como uma estratégia. A inferência se presentifica na interpretação de uma informação que não está explícita no texto. Seu exercício de mediação leva o leitor a entender as inúmeras facetas do que se está lendo. Segundo Giroto e Souza,

Leitores inferem quando utilizam o que já sabem, seus conhecimentos prévios e estabelecem relações com as dicas do texto para chegar a uma conclusão, tentar adivinhar um tema, deduzir um resultado, chegar a uma

grande ideia etc. se os leitores não inferem, então, não entendem a essência do texto que leem. Às vezes, as perguntas do leitor só são respondidas por meio de uma inferência. Quanto mais informações os leitores adquirirem, mais sensata a inferência que fazem (GIROTO & SOUZA, 2010, p. 76).

De forma sintética, tem-se um aluno-leitor proficiente quando nele se observa um indivíduo letrado, que se envolve cotidianamente nas práticas sociais de leitura e de escrita, o que, indubitavelmente, altera sua condição do ponto de vista sociocultural, político, linguístico e econômico, possibilitando plena participação social. Logo, um aluno-leitor proficiente terá se apropriado da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que a demandam. Desse modo,

[...] a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. É o uso desses procedimentos que permite controlar o que vai ser lido, tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas, etc (BRASIL, 1997, p. 41).

Ciente da dimensão social envolvida na formação de um aluno-leitor proficiente, investiu-se aqui na definição de um *corpus* literário que estimulasse, de um lado, o acesso a formas estéticas que privilegiassem figuras de linguagem, ritmo e musicalidade; e, de outro, textos cuja temática remetesse os alunos a uma realidade com a qual tivessem uma relação mais direta. Daí decorreu a escolha de poemas e de canções voltados para a temática do sertão.

Passamos, em seguida, ainda que de forma breve, à reflexão sobre esses três eixos: a leitura literária na escola, o poema e a temática sertanista.

2.2 Leitura do texto literário na escola

A leitura do texto literário na escola perpassa todo e qualquer hábito de leitura, todavia há várias razões que residem num propósito maior que é manter a valorização da leitura e criar o gosto pelo texto poético nas aulas. Tudo isso concorre para que haja um maior envolvimento dos discentes e docentes, bem como levar a turma a refletir sobre a maior multiplicidade de textos possível e facilitar o contato com outros tipos de leitura, a partir deste gênero.

Bem salientou Coelho que

A escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente - condição para a plena realidade do ser (COELHO, 2000, p. 20).

Essa visão traduz muito bem a relevância do espaço da escola como berço de práticas que, inseridas no cotidiano extraescolar dos alunos, podem promover a leitura à condição de hábito. Por outro lado, a leitura e a interpretação de qualquer poema devem ser cuidadosas e minuciosas, objetivando aproximar o máximo possível da essência inerente a cada poema, partindo do princípio de que o texto literário tem uma força estética muito grande.

Também destacando a dimensão institucional da literatura, Lajolo (1993) afirma que:

É a literatura como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (LAJOLO, 1993, p. 106).

A utilização da literatura na escola transforma-se em importante instrumento de formação, já que o enredo da obra literária é construído a partir de profundos "conteúdos humanos", o que possibilita ao leitor refletir acerca de assuntos relevantes para o seu desenvolvimento como ser. Diante desse pressuposto, Azevedo salienta que,

as paixões e as emoções humanas; a busca do autoconhecimento; a tentativa de compreender nossa identidade (quem somos); a construção da voz pessoal; as inúmeras dificuldades de interpretar o Outro; as utopias individuais; as utopias coletivas; a mortalidade; a sexualidade (não me refiro à educação sexual, a relação sexo-afetiva essencialmente subjetiva, corporal e emocional); a sempre complicada distinção entre a "realidade" e a "fantasia"; a temporalidade e a efemeridade (por exemplo, o envelhecimento e suas implicações); as inúmeras e intrincadas questões éticas; a existência de diferentes pontos de vista válidos (AZEVEDO, 2004, p. 41).

Sobre a leitura na escola, conclui-se que, tradicionalmente, transmitiu-se a ideia de que "ler é [apenas] oralizar qualquer tipo de texto escrito, unidade após unidade, sem jamais descolar-se dele e tão rapidamente quanto possível sem cometer equívocos" (COLOMER e CAMPS 2002, p. 69) e é por esse motivo que as crianças normalmente leem todos os gêneros textuais da mesma forma e não sabem que cada documento escrito permite diferentes maneiras de leitura, conforme os objetivos que se pretendem alcançar. Diante desta caracterização, Aguiar e Bordini enfatizam que

Se a escola pública se propunha à promoção social, é lógico que, desde sua origem, enfatizasse a leitura do texto escrito, uma vez que esta é o produto que ela oferece, em primeiro lugar. Antes de se operar a discriminação entre alfabetizados e não alfabetizados, àqueles que não tinham acesso às letras podiam adquirir conhecimentos por transmissão oral ou por experiência e não eram por isso socialmente desvalorizados, já que a escrita era de domínio estrito de muito poucos (AGUIAR; BORDINI, 1988, p. 10).

Numa nova perspectiva, é crucial que se dê ênfase à significação, bem como à contextualização, uma vez que esses dois aspectos da leitura se referem, concomitantemente, à inserção dos processos elementares em uma situação comunicativa, de modo que a expressão gráfica se correlacione a aspectos da vida dos alunos ou a atividades que realizam em sala de aula. Daí a visão de que têm Aguiar e Bordini quando afirmam que

A riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre em outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor, sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano (AGUIAR; BORDINI, 1988, p. 15).

Por outro lado,

A formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que ele se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito (Ibidem, 1988, p. 16).

Em um registro particular de nossa experiência docente com a leitura literária, a poesia na sala de aula, com a finalidade de letramento literário, na educação básica, tem sido uma alternativa viável em nossa prática pedagógica e, por diversas oportunidades, temos elaborado planos de aula contemplando o texto poético como prioridade, considerando a sua

natureza estética e a diversidade de temas abordados, tanto pelos autores canônicos quanto por aqueles que estão fora do cânone. Por conseguinte, temos privilegiado frequentemente o gênero lírico com resultados satisfatórios em função das estratégias elaboradas, que visam, como objetivo final, não só a fruição prazerosa dos seus elementos estéticos, mas também e, principalmente, a possibilidade de proporcionar ao aluno o seu envolvimento com os temas dos textos lidos com a sua própria experiência existencial, emergindo desse encontro, desse envolvimento, entre aluno e poesia, sensações contraditórias, convergentes e somatórias, que, com a mediação do professor, permitem fazer circular conhecimentos de que todos saem beneficiados.

Por outro lado, também é possível construir uma visão historiográfica, que permite o reconhecimento da relação entre texto e contexto. Tal como afirma Koch e Elias:

Um dos requisitos básicos para a produção de todo e qualquer texto é a contextualização, ou seja, sua ancoragem em dada situação comunicativa, no interior de determinada prática social, tendo em vista o lugar e o momento da interação, os participantes e suas particularidades, os objetivos a serem alcançados (KOCH, 2012, p. 88).

Pensamos, finalmente, que a leitura de textos literários na escola não deve prescindir de apresentar aos discentes a experiência estética específica de cada gênero literário nem muito menos dispensar o componente historiográfico, ainda que o centramento nas relações entre texto, leitor, tema e contexto tenha, no âmbito das primeiras experiências com o texto literário uma relevância maior.

2.3 O sertão X sertões e o sertão carregado de significados

Definições usuais para o vocábulo "sertão" relacionam-no à região semiárida do nordeste brasileiro que, por sua vez, é caracterizada pelo clima seco e quente, bem como pela escassez de chuva. Por outro lado, não se pode negar que a natureza já demonstrou que é possível viver bem nesta região, desde que se estabeleçam uma relação harmoniosa e práticas adaptadas a esse ecossistema. Naturalmente, um investimento na temática do sertão pauta-se no desejo de motivar discentes inseridos nessa realidade a percebê-la de forma positiva, no sentido de se envolverem em ações que levem ao desenvolvimento e à qualidade de vida para suas regiões.

Sobre a importância de se contemplar o conhecimento de mundo do discente leitor, Villaça Koch quando diz que:

Para construir um texto coerente é necessário que todos os enunciados sejam relevantes para a manutenção do tema em desenvolvimento. Uma das formas de garantir isso é o uso de termos que pertençam a um mesmo campo lexical ou, em termos cognitivos, que façam parte de um mesmo conjunto de conhecimento de mundo (modelo cognitivo) que temos representado na memória (KOCH, 2012, p. 176).

E ainda acrescenta:

Quando o nosso leitor se depara com um ou alguns elementos de determinado modelo de mundo, ele imediatamente invoca na memória o modelo todo, avançando, assim, perspectivas sobre o que vai encontrar no texto. Da mesma forma, quando sugerimos um texto para a produção de textos, estamos pedindo que os alunos acionem todos os conhecimentos que possuem acerca do modelo de mundo que ele ativa. É por essa razão que é impossível escrever sobre assuntos que absolutamente desconhecemos (Ibidem, 2012, p. 177).

Entretanto, considerando que a forma como se vê o sertão depende da idiosincrasia de cada um, parte-se do princípio de que o elogio do sertão não se faz sem um viés de ambivalência entre a perda e o ganho, ou entre duas pulsões conflitantes, uma que se ressentido do que ficou para trás, outra que aspira às promessas da esperança. Santos (2009) realça na temática sertanista presente em textos literários a formalização lírica de uma nostalgia difusa, fincada na perspectiva de quem já se encontra na nova Canaã. Sertão, lugar de poetas, de homens valentes, de aventureiros de profetas e de pobres agricultores. Além de ser, também, visto dentro da sua poeticidade. Diante desse pressuposto, Santos garante que o sertão “É o lugar que atribui às técnicas o princípio da realidade histórica, revitalizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica” (SANTOS, 2009, p. 58).

Cabe ressaltar, nessa discussão, com a finalidade de oferecer a docentes interessados nesta pesquisa, uma lembrança de como o sertão foi representado na Literatura Brasileira, sem querer restringir a temática em questão à literatura dita erudita, mas tão somente para ilustrar, mesmo porque o sertanejo escreve literatura e o faz muito bem.

Os movimentos literários regionalistas tiveram o sertão como temática preferencial do século XX na literatura do Nordeste, mais precisamente na década de 1930. Mas houve outros momentos em que a temática esteve em pauta. No Pré-modernismo, por exemplo, Euclides da Cunha escreveu *Os Sertões* (1902), considerada uma das obras-primas da Literatura Brasileira. Além de retratar a Guerra de Canudos, a obra apresenta um admirável estudo da terra e do homem do sertão nordestino, das condições de vida do sertanejo, da sua resistência e capacidade. É uma obra que incomoda, visto que foi escrita para investigar, provocar a pesquisa e estimular a procura da verdade, dentro de um contexto de autoritarismo e abuso cruel de poder.

Na fase de 30 do Modernismo brasileiro, encontramos expressões como José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz. Mais adiante, surgirá Guimarães Rosa, como grande nome do regionalismo literário, ainda que sua obra tenha inegável universalidade.

José Lins do Rego, autor, entre outros, de *Fogo morto* (1930), apresenta personagens nordestinos vivendo uma realidade de ausência de poder do estado e começo da industrialização. Graciliano Ramos, por sua vez, na famosa obra *Vidas secas* (1930), conta a vida dura do sertanejo Fabiano e sua família, enfatizando problemas sociais, o abandono do Estado, a seca, a pobreza e a fome, que latejam no tom crítico do livro. Guimarães Rosa, a partir de 1945, com o romance *Grande Sertão: veredas*, retratou o regionalismo, denunciando os problemas sociais, por meio de uma linguagem renovada, baseada no cotidiano e criação de novas expressões. Ao cabo, remetemo-nos, também, a Rachel de Queiroz com a obra *O Quinze*, que retratou o sertão, por sua vez, com traços regionalistas marcados pelo modernismo escrito, assim como *Vidas Secas*, em 1930. Embora tenha sido escrita em 1930, *O Quinze* retrata a devastadora seca de 1915 (considerada uma das mais terríveis já enfrentadas pelos sertanejos) e foi, exatamente, por essa ocorrência, que ganhou este título.

Na poesia, o nome de João Cabral de Melo Neto figura entre os mais importantes da Literatura Brasileira, tanto pelo tratamento estético dado à linguagem quanto pelo recorte agudo de questões relacionadas à vida no nordeste, como acontece em *Morte e vida Severina* (1955).

Muitos são os exemplos de nomes e obras que, na Literatura Brasileira, dedicaram-se a explorar a temática sertanista. Como o recorte aqui feito centra-se no texto lírico e deseja incorporar a vivência que os estudantes têm do mundo virtual, abriu-se espaço a textos que

circulam na Internet, de modo a incentivar os discentes a “navegarem” buscando textos dessa natureza. Fez-se, portanto, do próprio mundo virtual o campo em que se buscou a seleção de poemas com temática sertanista a serem utilizados em sala de aula. Sem preocupações, portanto, com questões canônicas, mas com a ciência de que, mais adiante, a tradição literária estará presente na vida acadêmica desses discentes, optou-se por uma maior liberdade no processo de composição do *corpus*.

De todo modo, cabe dizer que o sertão não é um só. Há diversos sertões, a depender do prisma pelo qual se contempla a realidade sertaneja. Daí, as inúmeras possibilidades de olhares afinados e discrepantes, de vieses otimistas e pessimistas, de recortes mais ou menos abrangentes, mais regionais ou mais universais.

2.4 A poesia: suas facetas e um novo olhar às imagens

A poesia ou texto lírico, apresenta-se como gênero na esfera literária ou artístico-literária. Logo a proposta em questão é a de ensinar a ler e a escrever a partir deste gênero. A poesia está presente na vida, na arte, ou seja, a poesia está presente em tudo. Poesia, segundo o modo de falar comum, quer dizer duas coisas: a arte contida numa obra, e a obra feita com a arte: a arte é a poesia; a obra, o poema; o poeta, o artífice. Por outro lado, o ritmo dado pelo significante, com rimas, aliterações, assonâncias, anáforas, paralelismos e tantos outros recursos expressivos desse gênero textual suscita o jogo com as palavras, um olhar mais amplo, a exemplo da questão social ou aspectos sociais, estimulando o imaginário a buscar a coerência, num movimento de idas e volta, de forma não linear. A poesia é, sobretudo, para muitos, a maior expressão artística do homem, portanto é muito importante garantir a nossos alunos essa convivência com poemas – a concretização da poesia.

Segundo Wendel Santos,

Não sendo uma forma de criação, o lírico funda a forma da dicção. Em vez de produzir uma transfiguração na linguagem, atravessando-a com a diversidade ontológica do mundo real e do mundo imaginário, o lírico transforma o mundo não em outro mundo, mas em um mundo do sujeito (SANTOS, 1983, P. 66).

O sentido da mensagem poética também é múltiplo, visto haver um investimento estético que dinamiza o valor polissêmico da língua. A poesia compreende aspectos metafísicos e a possibilidade de esses elementos transcenderem ao mundo dos fatos. E esse é o terreno que compete verdadeiramente ao poeta.

Segundo o crítico literário Antônio Carlos Secchin,

A poesia não se compromete com a verdade, pois um de seus atributos é exatamente o de prover um circuito clandestino de sentido que faça oscilar o terreno sólido onde versões de verdade se sedimentaram. Nessa operação, a metáfora ocupa um posto privilegiado. Ao aproximar elementos em geral dissociados, ela desencadeia conexões encobertas pela anestesia do discurso normativo, guardião feroz da (utópica) univocidade. Mas, ao mesmo tempo em que desvela afinidades, a metáfora também introduz tensões e atritos, uma vez que os termos são subtraídos de suas ressonâncias habituais (SECCHIN, 2009, v.5, p. 11).

É possível entender que a poesia, assim como qualquer arte, apresenta a dualidade entre o ser útil e o ser agradável, ou seja, apresenta uma vinculação concernente à sua funcionalidade e outra relacionada ao prazer estético aparentemente isento de quaisquer injunções. A partir desse ponto de vista, pode-se vê-la como tese e antítese de um processo dialético. É o que afirmam Wellek e Warren quando dizem o seguinte:

Ao ser-nos dito que toda poesia é 'divertimento', brincadeira espontânea, sentimos que tal afirmação é injusta, tanto para com o cuidado, a habilidade, e o plano do artista, como em razão da seriedade e da importância do poema, do mesmo modo que ouvindo dizer que a poesia é 'trabalho' ou 'ofício' sentimos que se menosprezam a sua alegria e aquilo a que Kant chamou a sua falta de 'finalidade'. Devemos, portanto, descrever a função da arte por uma forma que se preste Justiça simultaneamente ao *dulce* e ao *utile* (WELLEK e WARREN, 1971, p. 36).

A poesia e a imagem não podem andar desvinculadas, uma vez que a palavra poética constrói um universo imagético próprio que, simbolicamente, reflete sobre a vida, o mundo, a realidade subjetiva e a realidade objetiva do ser. Portanto, no caso de poemas ilustrados para o público infantil e infanto-juvenil, deve-se ter um olhar mais atento às ilustrações, mesmo porque a leitura da imagem é uma das primeiras leituras da criança, do ser humano em si. De antemão, faz-se necessário destacar um comentário de Hélder Pinheiro quando afirma que,

Um professor que não é capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com um ritmo de um determinado poema, dificilmente revelará na prática, que a poesia vale a pena, que a experiência simbólica condensada naquelas palavras são essências em sua vida (PINHEIRO, 2007, P.26).

Fora do âmbito da poesia ilustrada, deve-se estimular uma leitura lírica que favoreça a autonomia na elaboração mental de imagens despertadas pelo poema lido, de modo tal que o discente leitor alcance independência no sentido de captar esse potencial imagético que todo poema possui. Ainda sobre a imagem, formulou Splenger o seguinte pensamento:

Desde a história mais remota, conhecida pelo homem, a imagem marca sua presença de forma inegável, e através dela, o ser humano se expressa desde muito tempo antes da palavra escrita. Sua cultura se fortaleceu através da significação que estas imagens estabeleceram durante o percurso nas mais diversas épocas. E, atualmente, o mundo nos cerca de imagens durante todo o tempo, mensagens visuais que estão sendo estudadas e investigadas por disciplinas de pesquisa (SPLENGER, 2010, p. 1).

A poesia, sobretudo a lírica, voltada para o extravasar de emoções, constrói-se por uma constelação de imagens. Por que isso? Porque a imagem diz mais com menos; em sua visualidade ela desperta um grande número de associações de ideias, variável de leitor para leitor, proporcionalmente à sua experiência de vida e de leitura (SILVA, 2009, p. 165).

Falar de “poesia em português” apresenta um obstáculo inicial – a delimitação do sentido da palavra “poesia”. Com frequência, utilizamos indistintamente poesia e poema, como se fossem sinônimos. Isso não ocorre em inglês, em que as palavras *poetry* e *poem* dificilmente serão confundidas. Quando se diz: a poesia está em toda a parte, ou quando se ouve alguém afirmar que um velho cartaz da eleição passada, pendente de um muro, pode transformar-se em poesia aos olhos do passante, certamente não se está usando essa expressão em sua acepção de poema. Está-se pensando em poesia mesmo, algo mais amplo e difuso, uma abstração com muito de subjetivo e de emocional, que se concretiza como vivência ou descoberta através do olhar de quem a vê (SILVA, 2009, p. 99). Já o poema configura um gênero textual literário específico, traduzido, em sua forma, pela utilização de estrofe, versos, ritmo, rimas, esquemas métricos, etc. Assim, poesia tem um sentido mais amplo, relacionado à beleza singular e simbólica que se pode recolher das mais variadas fontes (cenas, acontecimentos, imagens, pessoas, seres vivos, objetos, textos, etc.), e poema, sentido mais específico, já que é uma manifestação discursiva com características peculiares que lhe dão uma identidade. Os poemas, por sua forma e seu conteúdo, também podem ser categorizados, daí nomenclaturas como poema lírico, poema épico, poema concreto, poema-piada, etc. Essas

distinções aqui, contudo, não terão relevância, visto que se pretende investir na questão temática, ainda que recursos do lirismo venham a ser explorados na leitura.

Todavia, cabe lembrar Staiger (Apud KLAUCK, 2009), que afirma que a beleza lírica está na sua falta de intencionalidade, na ausência da atitude servil perante o homem. O poema lírico não é necessário ou utilitário, não aconselha, tampouco ensina. A lírica não aponta respostas nem caminhos – ela funde todas as coisas. O poema não pretende servir a quaisquer especificidades e, por tal complexidade, desafia o poeta. Ele está preso pela contingência lírica do mundo e canta para ver-se livre, embora não pretenda libertar a humanidade. Por isso,

A linguagem do poema não preza pela clareza ou por uma comunicação direta. Ele envolve esquemas e elementos que estão além da linguagem cotidiana: tampouco ele se preocupa com a lógica e a coerência da comunicação comum, mas sim com a convergência de significações através de elementos diversos, ainda que isso signifique obscurecer o sentido para ampliá-lo (KLAUCK, 2009, p. 02).

Sob essa ótica, ainda, é importante observar o que comenta Secchin:

A ordem do discurso poético se abastecer na desordem sob controle que a metáfora introduz: ela desencadeia no interior do poema, mecanismos de significação dificilmente localizáveis fora dele, sabotando a expectativa de uma comunicabilidade tácita e harmônica em prol da reverbação de zonas mais sombrias e conturbadas da linguagem. Nessa perspectiva, podemos ampliar nossa reflexão, sugerindo que a poesia poderia ser também encarada como uma espécie de grande metáfora da língua, um discurso que, simulando a imagem do outro, já que dele utiliza as palavras e a sintaxe, acaba produzindo objeto que desregulam o modo operacional e previsível da matriz (SECCHIN, 2009, p.12).

Todas essas colocações têm como propósito afirmar que, ainda que o investimento da proposta aqui apresentada parta da temática do sertão como eixo norteador relacionado à integração entre a leitura de poemas e a realidade sociocultural dos alunos envolvidos, não se pretende fazer dos poemas meros recursos didáticos para valorizar essa temática. Ao contrário, pretende-se explorar justamente a liberdade que poema tem de dizer sem a necessidade de fixar objetivos expressos. Pretende-se que os alunos fruam da leitura poética, ainda que centrados na temática do sertão, vivenciando a liberdade que esse “dizer” possui.

Em suma, a poesia, aqui tomada a partir de poemas, manifestações discursivas literárias que possuem características próprias que lhe conferem identidade, deverá provocar

experiências de sensibilidade e reflexão, que, por sua vez, estimularão a qualidade na formação desses leitores, pois, segundo afirma Zilberman:

"uma certeza , contudo, mantém-se com o tempo: a de que o texto poético favorece a formação do indivíduo, cabendo, pois, expô-lo à matéria-prima literária, requisito indispensável a seu aprimoramento intelectual e ético” (ZILBERMAN, 2006, p. 18).

Neste sentido, um dos aspectos que requer uma maior atenção é, sem dúvida, a caracterização do indivíduo que cumpre sua função protagonista de sujeito que interage e se comunica, de modo que não se deve estreitar o olhar só para a forma, uma vez que a literatura lhe dá uma condição de se ter um ponto de vista diferente, de ver outras possibilidades. Trata-se, sobretudo, da leitura subjetiva, que se apoia nessa perspectiva, combinando emoção, sensação e cognição, para dar sentido ao texto e engajar uma reflexão sobre a sua própria pertinência.

3 - A METODOLOGIA PROPOSTA

Depois de perscrutar alguns poemas, bem como letras de algumas canções, foram selecionados oito poemas que abordam a temática "sertão" para uma iniciação de estudos literários que, como aqui já se disse, possibilitasse aos alunos a fruição e o prazer a partir de sua própria realidade cultural. Em seguida, foram escolhidas, para complementar o corpus, duas canções: “Luar do Sertão” e “Deus e eu no Sertão”. Essa perspectiva permitiu que os alunos alargassem seus horizontes e conhecimento de mundo, além de reforçarem seu repertório cultural.

A escolha desses poemas teve como principal objetivo desenvolver as quatro habilidades na língua: a flexibilidade comunicativa, a proficiência na leitura, a capacidade de reflexão e a competência na produção textual.

Após um estudo minucioso dos conteúdos encontrados nos textos, bem como nos textos lidos em sala de aula na fase de sondagem, repensou-se a maneira como os processos de formação de leitores vêm sendo trabalhados por alguns professores. Nesse sentido, nota-se que é possível se chegar a um trabalho bem realizado quando se elabora previamente uma metodologia.

Dessa maneira, e trazendo esta discussão para um plano individual, como professor de língua portuguesa e aluno do Mestrado Profissional em Letras, fez-se mister ratificar que o labor a que me submeti, impulsionado pela Professora Dr^a Christina Bielinski Ramalho, partiu da ideia de que o mesmo poderia contribuir decisivamente para uma reflexão acerca de como estamos desenvolvendo nosso trabalho com o poema em sala de aula, possibilitando, como resultado, uma nova postura no trabalho com a formação de leitores.

A partir desse ideal, o trabalho sustentou-se em objetivos mais ambiciosos, mencionando e executando a metodologia na visão de Aguiar e Bordini que contribuíram quando afirmaram que:

Não apenas satisfazer os interesses imediatos do público, oferecendo-lhe leituras repetitivas e redundantes que venham tão-somente atender ao gosto, mas lhe aguçar a curiosidade para textos que “representam a realidade de forma mais abrangente e profunda” (AGUIAR e BORDINI, 1988, p. 25).

Após as observações feitas a respeito dos apontamentos teóricos e da reflexão sobre as possibilidades de atividades a serem desenvolvidas, trabalhar, definiu-se uma lista dos

possíveis passos de uma metodologia que se pretendesse inovadora, porque objetivava ampliar o horizonte de expectativas dos estudantes, enriquecendo suas experiências socioeducativas, além de servir como uma possibilidade para que o professor pudesse abordar conteúdos líricos de forma mais dinâmica e contextualizada.

Dessa forma, abriu-se um viés para um trabalho interdisciplinar, enfocando aspectos geográficos, históricos e econômicos relacionados ao sertão e bem representados nos textos escolhidos, a exemplo da temática da seca, que ocorre em grande parte do sertão nordestino, e que expulsava os moradores pobres de suas terras, de seus lugarejos¹.

Definidos os textos, o recorte temático e a prática interdisciplinar, partimos para a reflexão acerca do uso de Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação, as TDIC's.

3.1 Ouso das TDIC's

Vê-se notadamente, no contexto educacional de nossos tempos, que a invasão da tecnologia provocou mudanças profundas nos processos sociais, bem como nos objetivos individuais.

A discussão sobre o uso de computadores nas escolas tem-se estendido a diversos temas associados a questões pedagógicas. Este trabalho pretendeu abordar uma outra face dessas questões, desenvolvendo reflexões a partir da seguinte pergunta: como os recursos tecnológicos influenciam aprendizagem, ou seja, como se dá a relação entre a tecnologia e a questão cognitiva?

Em nossa perspectiva, o professor mediador deve criar ambientes de aprendizagem interdisciplinares, propondo desafios e explorações que conduzam a descobertas, promovendo, desta forma, a construção do conhecimento. E, para isso, atento às linguagens digitais contemporâneas, deve utilizar o computador e seus programas para problematizar e implementar a pesquisa em questão.

Vejamos o que afirma Assmann:

As novas tecnologias de informação e de comunicação já não são meros instrumentos no sentido técnico tradicional, mas feixes de propriedades ativas. É algo tecnologicamente novo e diferente. As tecnologias tradicionais

¹Convém salientar que esta realidade, muitas vezes, não é percebida pelos moradores da cidade, inclusive das cidades nordestinas.

serviam como instrumento para aumentar o alcance dos sentidos (braços, visão, movimento, etc.). As novas tecnologias ampliam o potencial cognitivo do ser humano (seu cérebro/mente) e possibilitam mixagens complexas e cooperativas (ASSMANN, 2005, P. 18).

Como se vê, incorporar essas novas tecnologias à rotina escolar nada mais é que levar para a sala de aula a própria realidade vivenciada pelos discentes no espaço externo, explorando, de forma positiva, os benefícios elencados por Assmann. Contudo, Levy salienta que

Não se trata de utilizar a qualquer custo, mas de acompanhar com consciência e deliberadamente a mudança de civilidade que remete profundamente em questão as formas institucionais, a mentalidade e a cultura dos sistemas educativos tradicionais e em particular a relação entre professor e aluno (LEVY, 2011, p. 168).

Entendendo ser coerente e válida a assertiva de Assmann, mas também compactuando com o alerta feito por Levy, decidi fazer uso de um aplicativo muito familiar aos discentes com os quais trabalhei, o WhatsApp, aplicativo extremamente popular, por meio do qual as pessoas mantêm conexão constante, através de conversas individuais ou coletivas:

"O WhatsApp está no caminho para conectar 1 bilhão de pessoas", afirmou Mark Zuckerberg, presidente-executivo e cofundador do Facebook. Talvez seja por isso que a empresa comprou o aplicativo por US\$ 16 bilhões, negócio anunciado na noite de quarta-feira (19). Criado em 2009, o WhatsApp se tornou uma máquina de troca de mensagens entre pessoas, que não param de aderir ao aplicativo. Tanto que, com quatro anos de existência, o app possui quase duas vezes mais usuários que o próprio Facebook tinha com a mesma idade (G1, 2016).

Nossa ideia era, através do recurso, colocar os discentes em contato constante com a poesia, levando para o espaço externo à sala de aula a reflexão sobre os poemas lidos e debatidos, conforme se verá mais adiante.

Aprofundaremos, em seguida, as reflexões sobre o caráter interdisciplinar da metodologia, buscando ressaltar sua importância como ponto de partida para uma experiência de leitura realmente ampla e com possibilidades de expansão dos conhecimentos adquiridos com a leitura a outros campos do conhecimento humano.

3.2 A intertextualidade sob uma perspectiva da interdisciplinaridade (Língua Portuguesa, Redação e Artes)

Os textos dialogam. Isso é fato. E para ilustrar, Irandé Antunes confirma:

Assim, todo texto é, sob qualquer condição, um intertexto, na medida em que, como tipo e como gênero, se enquadra num modelo específico - o seu arquétipo - socialmente recorrente e reconhecido como um exemplar concreto.

É da conformação de um determinado texto às particularidades enunciativas de seu tipo ou de seu gênero que decorrem os esquemas superestruturais de sua organização, uma das condições que lhe garantem adequação e relevância. A intertextualidade é, pois, uma das propriedades constitutivas de qualquer texto, ao lado da coesão, da coerência, da informatividade, entre outras (ANTUNES, 2009, p. 164).

Essa dimensão textual não se restringe a um campo ou área do conhecimento. A depender do texto, diversas e aparentemente díspares áreas da vida humana são acessadas e problematizadas. Daí a importância de se abrir um texto literário, por exemplo, não só ao campo específico da estética e dos contextos destacados, como também aos pontos de vista que partem de uma visão não literária, como é a visão histórica, sociológica, antropológica, etc. As práticas ligadas ao mundo virtual nos permitem um acesso fácil e direto a distintos tipos de conhecimento e explorar essa viagem pelo universo da intertextualidade em tempos de realidade virtual é, também, trabalhar com os discentes modos produtivos e interessantes de vivenciar essa realidade, afastando-os do temível “vício digital” que, em lugar de informar e fazer pensar, robotiza e leva à estagnação do pensamento. Antunes reflete sobre o que chama de “didática da escrita”, entendendo-a como passível de ser associada aos repertórios informacionais:

É essa intertextualidade ampla, difusa, interdisciplinar, sedimentada no saber já produzido, sistematizado e divulgado pela comunidade, que me interessa agora, para a análise da atividade da escrita. É nessa intertextualidade, assim, externa ao espaço pedagógico e anterior ao momento da produção textual, que me firmo para propor uma didática da escrita apoiada nos parâmetros mais amplos e mais remotos de repertórios informacionais (ANTUNES, 2009, p.165).

Pautada nessa visão, a metodologia aqui proposta centra-se na temática do sertão, mas a abre ao universo físico-socioambiental e, por que não dizer, também, cultural. As ações

foram desenvolvidas com o objetivo de observar, conhecer, entender e refletir as principais características do local onde vivem os discentes envolvidos, incluindo nesse processo de percepção e reflexão as paisagens e os espaços geográficos do Sertão Nordestino, sempre dando destaque à liberdade da expressão lírica.

Cabe lembrar que semiaridez do sertão é a fundamental distinção de sua paisagem, uma vez que isso se expressa no jeito seco de sua vegetação, a Caatinga e no regime passageiro dos seus rios, retratado como uma região de escassa chuva. Tudo isso desencadeia a saga do retirante que comporta sofrimento na partida, no percurso da mudança, na chegada e permanência em terra estranha. Com a participação dos professores de História e de Geografia, podem-se mapear as regiões onde ocorrem esses fenômenos e pesquisar quais propostas tem surgido ao longo da história para minimizar as consequências.

A interdisciplinaridade possibilita, também, junto a professores de Língua Portuguesa e Literatura, realizar um levantamento de canções, contos e romances que tematizem o sertão. Também o professor de Artes, trabalhando as imagens presentes nos poemas selecionados, pode instigar os alunos a terem um novo olhar acerca das imagens do sertão, ou seja, fazer com que eles as vejam como se fosse a primeira vez.

Pode-se ratificar que, segundo Bazerman:

Em nossas práticas comunicativas, sempre produzimos textos baseando-nos em outros. Embora os produtores de textos construam a relação entre textos, algumas vezes, de modo consciente, outras, inconscientemente, é fundamental, no ensino da produção escrita, chamar a atenção dos alunos para o fenômeno da intertextualidade, destacando que não se trata apenas de construir relações entre textos, mas, principalmente, do modo pelo qual se constrói “esse mosaico”, do objetivo da referência e do modo pelo qual se posiciona diante dos textos a que faz remissão, levando em conta o seu propósito significativo (BAZERMAN, 2006, p. 103).

Em suma, voltando a Antunes,

sabe-se que a dimensão da intertextualidade representa, sem dúvida, um referencial para a determinação dos recursos linguísticos a serem utilizados e, dessa forma, constitui um suporte para o cálculo da adequação do texto às suas situações de ocorrência (ANTUNES, 2009, p. 165).

3.3 Etapas do projeto

A sequência didática (aqui apresentada como “etapas do projeto”) desenvolvida baseou-se em **Letramento literário: teoria e prática**, de Rildo Cosson (2014). Nessa obra, o autor apresenta dois tipos de sequência: uma básica e uma expandida; direcionando a sequência básica ao Ensino Fundamental e a expandida, ao Ensino Médio. Em se tratando de uma turma de 6º ano, utilizamos a primeira.

Para a sequência básica do letramento literário, Cosson propõe quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A motivação consiste em preparar o espaço com atividades que abram o caminho para receber o texto que vai ser lido, chamada pelo autor de “rito de passagem”. Essa motivação pode ser um diálogo com os alunos em relação ao tema do texto que vai ser lido. Depois, pode ser a leitura de outro texto com a mesma temática, mas de outro gênero textual, um texto lúdico. Enfim, cabe ao professor usar de sua criatividade.

Após a motivação, vem a introdução, que é a apresentação do autor e da obra, ou do texto. Cosson adverte que “é preciso que o professor tenha sempre em mente que a introdução não pode se estender muito, uma vez que sua função é apenas permitir que o aluno receba a obra de maneira positiva [...]” (2014, p.61).

Em seguida vem o momento da leitura. Aqui Cosson (2014, p.62) coloca que: [...]” a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir e esse objetivo não deve ser perdido de vista”.

Para finalizar a sequência básica vem a interpretação “[...] que parte do entretenimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade [...].”(COSSON, 2014,p.64). Ele propõe também que o professor deve reservar “dois momentos para a interpretação, dada a sua complexidade: um interior e outro exterior. O momento interior é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, [...]”.

Cosson ainda afirma que,

Já o momento externo “é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. É aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independentemente dela” (COSSON, 2014, p.65).

Após a interpretação, ele sugere que o professor aproveite para que os alunos externalizem essa leitura, através do seu registro. Esse registro vai variar de acordo com o tipo de texto, com a idade do aluno e a série escolar, entre outros aspectos relevantes.

3.3.1 1ª Etapa

A sequência didática foi introduzida para os alunos, configurando uma etapa de sondagem, com frases e imagens com a temática do sertão, apresentadas no Datashow. Em seguida, conversou-se com os alunos a respeito de pessoas que eles conhecem e que se identificam com as frases e imagens apresentadas. Questionou-se com os alunos que, embora todo brasileiro sonhe com uma vida melhor, há vários fatores que contribuem para que esperanças sejam nutridas ou frustradas a depender da sua própria sorte ou mesmo do acaso.

Como principal motivação foram exibidos dois vídeos das canções "Luar do Sertão" e "Deus e eu no Sertão" e, em seguida, foram distribuídas as letras dessas canções, de modo que fossem feitos questionamentos acerca da relação destes textos com outras leituras já discutidas, propondo um jogo de intertextualidade. Os vídeos têm 4m17s, 3m41s, respectivamente, e podem ser acessados em <https://www.youtube.com/watch?v=r-8rsqTJi-0>. Por último, criou-se uma atmosfera de expectativas, discutindo com os alunos a linguagem utilizada pelos compositores para atingirem o objetivo pretendido por cada canção.

Figura 1

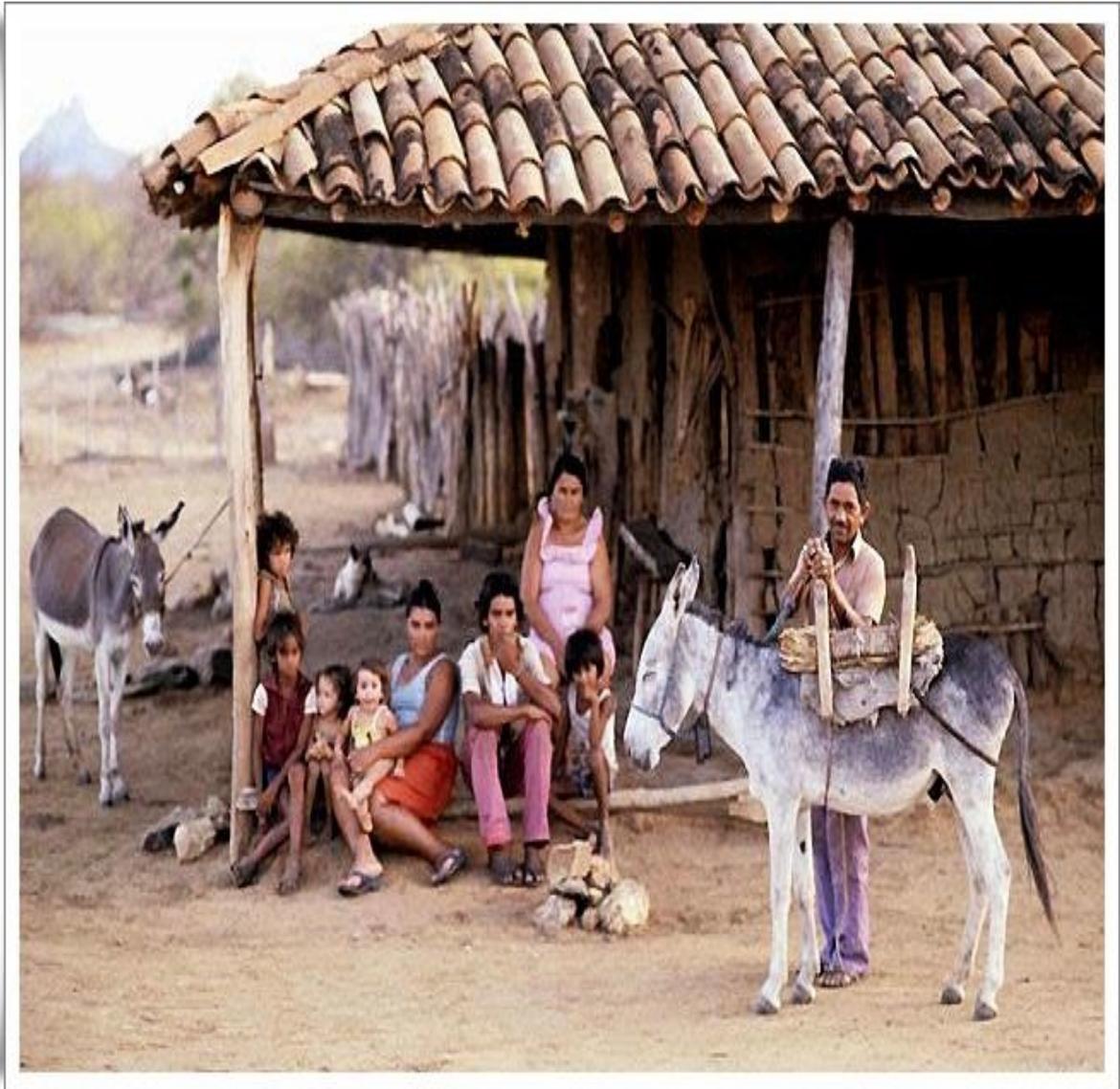


Fonte: www.google.com.br/search?q=imagensdasecadosertao

Figura 2

Fonte: www.google.com.br/search?q=retirantesdasecanordestina

Figura 3



Fonte: www.google.com.br/search?q=imagensdasecadosertao

Figura 4



Fonte: www.google.com.br/search?q=retirantesdasecanordestina

É bom salientar que a canção "Luar do Sertão", também conhecida como “poema triste do sertão”, é uma toada brasileira de grande popularidade. Seus versos simples e ingênuos elogiam a vida no sertão, especialmente o luar. É uma das músicas brasileiras mais gravadas de todos os tempos. Esta canção foi composta em 1914 por Catulo da Paixão Cearense. Esteve presente na trilha sonora do filme *Os filhos de Francisco* (2005), interpretada na voz da dupla sertaneja Zezé Di Camargo & Luciano, e na novela *Tieta* (1989), interpretada por Roberta Miranda.

Já “Deus e eu no sertão” é uma canção mais recente, considerada uma das mais inspiradoras músicas da dupla sertaneja Victor & Leo, pela sua simplicidade e beleza lírica. Ela possui um ritmo que emociona e faz lembrar as paisagens que deixam o homem mais tranquilo. É uma canção que fala da relação do homem com Deus, tendo como cenário o dia a dia no campo. Ela encantou o público quando fora tema de abertura da segunda versão da novela *Paraíso* da Rede Globo (2009).

Apresentam-se, a seguir, as letras na íntegra.

Luar do Sertão

Catulo da Paixão Cearense

Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão.

Oh! Que saudade do luar da minha terra
Lá na terra branquejando folhas secas pelo chão
Este luar lá da cidade tão escuro
Não tem aquela saudade do luar lá do sertão.

Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão.

Se a lua nasce por detrás da verde mata
Mais parece um sol de prata prateando a solidão
E a gente pega na viola que ponteia
E a canção e a lua cheia a nos nascer no coração.

Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há, ó gente, ó não

Luar como esse do sertão.

Mas como é lindo ver depois por entre o mato
Deslizar calmo regato transparente como um véu
No leito azul das suas águas murmurando
E por sua vez roubando as estrelas lá do céu.

Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão

Deus e eu no Sertão

Victor e Leo

Nunca vi ninguém
Viver tão feliz
Como eu no sertão
Perto de uma mata
E de um ribeirão
Deus e eu no sertão.

Casa simplesinha
Rede pra dormir
De noite um show no céu
Deito pra assistir
Deus e eu no sertão.

Das horas não sei
Mas vejo clarão
Deus e eu no sertão
Não há solidão.

Tem festa lá na vila
Depois da missa vou
Ver minha menina.

De volta pra casa
Queima a lenha no fogão
E junto ao som da mata
Vou eu e um violão
Deus e eu no sertão.

3.3.2 2ª Etapa

Na segunda etapa, foram distribuídas para os alunos cópias dos poemas "Simplesmente Sertão...", "Caipira do sertão", "Meu sertão", "É assim no sertão", "Descaso", "Meu sertão II", "A triste partida" e trecho de "Morte e vida Severina". Porém, antes da

leitura, falou-se aos alunos sobre os autores dos poemas e a relação entre esses textos e as canções da aula anterior.

Essa apresentação não poderia ser longa nem deve revelar o conteúdo total dos textos, pois sua função é apenas influenciar para que os alunos recebam os textos de forma positiva. Após essa etapa, os alunos leram os textos silenciosamente e, depois, em voz alta, com o acompanhamento do professor. Alguns alunos tiveram dificuldade de ler com entonação e de articular bem as palavras. Nesse sentido, fez-se mister a intervenção docente e mesmo de alguns colegas que tinham mais facilidade e intimidade com este gênero.

O interesse despertado pelo poema não decorreu, exclusivamente, do conteúdo trabalhado, mas foi fruto da analogia entre os textos e da exploração da beleza dos recursos linguísticos presentes em cada um.

Discutiu-se também o propósito comunicativo de um poema, de modo a evidenciar que, isento de intenções diretas ou explícitas de advertir ou informar, o poema “brinca” com as palavras e acaba promovendo, como que “sem querer”, num jogo constante e crescente, o encontro com as questões que o próprio texto desperta através das imagens que cria. Ou seja, informação e reflexão crítica acabam acontecendo naturalmente, sem que haja uma “imposição” do texto.

A intertextualidade, por sua vez, se fez visível no momento em que foram percebidas alusões relacionadas à temática da seca dentro de contextos específicos como o histórico, o geográfico, o biológico, etc.

Destaca-se, também, que houve uma relevante interação na simulação das entrevistas que seriam desenvolvidas entre o aluno (entrevistador) e os seus familiares (entrevistados), ou seja, houve uma interação espontânea entre o entrevistador e os entrevistados, visto que a pergunta é elaborada a partir de um determinado objetivo. Por outro lado, não se pode aferir se essas percepções servirão para transformar ou contribuir para um maior desempenho da sua prática social.

Essa etapa encerrou-se com uma discussão a respeito da relação entre linguagem, intertextualidade, versificação e sentidos do texto, visto que a leitura dos poemas permitiu verificar a afirmação explícita de que a palavra poética atua de forma decisiva na vida do aluno-leitor, de modo que não interessa tão-somente a abstração da poesia, mas sua manifestação mais legítima, o poema. A intencionalidade desta etapa foi, exatamente, a

apropriação do texto. Seguem os poemas na íntegra e o trecho do poema de João Cabral de Melo Neto explorado nessa etapa.

Simplesmente Sertão...

Leandro Flores

Ser tão belo,
Ser tão maravilhoso,
Ser tão grande,
Ser tão gostoso.

Ser tão meu,
Ser tão seu,
Ser tão dela,
Ser tão fera.

Ser tão cruel,
Ser tão distante,
Ser tão gigante.

Ser tão calado,
Ser tão apaixonado,
Ser tão... Simplesmente sertão!

Caipira do Sertão

Vainer de Ávila

E é aí que a coisa engrossa
Sim eu vim lá da roça
E daí gente fina?
Da minha vida cuido eu
Sou um caipira que nasceu
Do outro lado da colina.

E vejo como a vida é bela
Quando ouço o ranger da cancela
Lá no fundo do meu sertão
É a rainha do meu lar
Que saiu para passear
Se maquiar no salão.

Ficar mais linda para mim
É uma flor no meu jardim
Inveja aos meus rivais
E a saudade nos chama
Quanto mais a gente ama
Aí que a gente quer mais!

Meu Sertão

Rafaela Brito

Deixei o meu sertão
Na cidade vim morar
Em busca dos meus estudos
Para me qualificar
Parece inacreditável
Mas cada um tem o seu jeito
E eu aqui sinto no peito
A saudade apertar.

Tudo parece tão triste
Minha alegria lá deixei
Não vejo a árvore florida
Que em sua sombra descansei
Fico aqui pensativa
Tão tristonha eu me acho
Não vejo as águas do riacho
Onde um dia lá passei.

A noite eu olhava as estrelas
E a luz do luar
No amanhecer ouvia
A passarada cantar
Olhava o brilho do sol
Logo ao nascer do dia
Sentindo a doce alegria
E a pureza do ar.

Aquela árvore sombria
Por onde eu sempre passava
Tudo era poesia inspiração me dava
Eu amo a natureza.

O canto dos passarinhos
Todo dia bem cedinho
Era quem me despertava.

Lá passei a minha infância
É lugar onde me criei
Vi a terra produzir
As sementes que plantei
Aquela nossa casinha
Faz parte da minha vida
A lembrança é tão querida
Que um dia lá voltarei.

É assim no sertão

Guibson Medeiros

Onde a seca maltrata
 O linho não páreo pro couro
 Pão é mais caro que prata
 Água vale mais do que ouro
 Macambira é melhor do que nata
 Jumento é mais forte que touro.

Seca

Guibson Medeiros

O nordeste para mim é sagrado
 Foi Deus que me deu de presente
 O sol faz da seca um pecado
 E a água não tem na nascente
 Na cocheira não tem um só gado
 Mas a fé é o segredo da gente.

Meu sertão II

Paulo Godin

Meu sertão quando tá seco
 É triste de fazer dó
 Seca água nos açudes
 A pastagem vira pó
 Morre o gado no curral
 E o galo no quintal
 Não canta, pois ficou só

Chega a noite, o sertanejo
 Olha o céu e desvanece
 A nuvem escura sumiu
 A barra desaparece
 Vai dormir desconsolado
 Acorda desanimado
 E a tristeza permanece

Mas o nordestino é forte
 Não se cansa de espertar
 Mas um dia a sorte muda
 É preciso confiar

Olha pro céu novamente
 Sonha ver alegremente
 A chuva logo chegar.

E quando a chuva aparece
 Até o pó vira lama
 O galo volta a cantar
 O gado come na rama
 Tendo chuva, tem fartura
 Arroz, feijão e mistura
 Toda noite amor na cama.

E com chuva no sertão
 A natureza floresce
 O sertanejo se alegra
 E da mulher não se esquece
 Não liga mais pra fraqueza
 Nove meses, com certeza,
 Menino novo aparece.

A triste partida
 Patativa do Assaré

Setembro passou, com outubro e novembro
 Já tamo em dezembro
 Meu Deus, que é de nós?
 Assim fala o pobre do seco Nordeste
 Com medo da peste,
 Da fome feroz.

A treze do mês ele fez a experiência
 Perdeu sua crença
 Nas pedra de sá.
 Mas nãoaexperiência, com gosto se agarra,
 Pensando na barra
 Do alegre Natá.

Rompeu-se o Natá, porém barra não veio
 O só, bem vermeio
 Nasceu munto além.
 Na copa da mata, buzina a cigarra
 Ninguém vê a barra,
 Pois barra não tem.

Sem chuva na terra descamba janêro,
 Depois, feverêro,
 E o mêrmo verão
 Entonce o rocêro, pensando consigo,
 Diz: isso é castigo!
 Não chove mais não!

Apela pra maço, que é o mês preferido
 Do Santo querido,
 Senhô São José.
 Mas nada de chuva! Tá tudo sem jeito,
 Lhe foge do peito
 O resto da fé.

Agora pensando segui ôtra tria,
 Chamando a fãmia
 Começa a dizê:
 Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,
 Nós vamo a São Palo
 Vivê ou morrê.

Nós vamo a São Palo, que a coisa tá feia;
 Por terras aleia
 Nós vamovagá.
 Se o nosso destino não fô tão mesquinho,
 Pro mêrmo cantinho
 Nós torna a vortá.

E vende o seu burro, o jumento e o cavalo,
 Intémêrmo o galo
 Vendêro também,
 Pois logo aparece feliz fazendêro,
 Por pouco dinhêro
 Lhe compra o que tem.

Em riba do carro se junta a fãmia;
 Chegou o triste dia,
 Já vai viajá.
 A seca terrive, que tudo devora,
 Lhe bota pra fora
 Da terra natá.

O carro já corre no topo da serra,
 Oiando pra terra,
 Seu berço, seu lá,
 Aquele nortista partido de pena
 De longe inda acena:
 Adeus, Ceará!

No dia seguinte, já tudo enfafado,
 E o carro embalado,
 Veloz a corrê,
 Tão triste, o coitado, falando saudoso,
 Um fio choroso
 Escrama, a dizê:

_ De pena e sodade, papai, sei que morro!
 Meu pobre cachorro,
 Quem dá de comê?
 Já ôto pergunta: - Mãezinha, e meu gato?
 Com fome e sem trato,
 Mimi vai morrê!

E a linda pequena, tremendo de medo:
 - Mamãe, meus brinquedo!
 Meu pé de fulô!
 Meu pé de rosêra, coitado, ele seca!
 E a minha boneca
 Também lá ficou.

E assim vão dexando, com choro e gemido,
 Do berço querido
 O céu lindo e azu.
 Os pai pesaroso, nos fio pensando,
 E o carro rodando
 Na estrada do su.

Chegaro em São Palo – sem cobre, quebrado
 O pobre, acanhado,
 Percura um patrão.
 Só vê cara estranha, da mais feia gente,
 Tudo é diferente
 Do caro torrão.

Trabaia dois ano, três ano e mais ano,
 E sempre no prano
 De um, dia inda vim.
 Mas nunca ele pode, só veve devendo,
 E assim vai sofrendo
 Tormento sem fim.

Se arguma notícia da banda do Norte
 Tem ele por sorte
 O gosto de uvi,
 Lhe bate no peito sodade de móio,
 E as água dos óio
 Começa a caí.

Do mundo afastado, sofrendo desprezo,
 Ali veve preso,
 Devendo ao patrão.
 O tempo rolando, vai dia, vem dia,
 E aquela famia
 Não vorta mais não!

Distante da terra tão seca mas boa,

Exposto à garoa,
 À lama e ao paú,
 Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,
 Vivê como escravo
 Nas terra do su.
 (Patativa do Assaré)

Morte e Vida Severina

João Cabral de Melo Neto

— O meu nome é Severino,
 como não tenho outro de pia.
 Como há muitos Severinos,
 que é santo de romaria,
 deram então de me chamar
 Severino de Maria;
 como há muitos Severinos
 com mães chamadas Maria,
 fiquei sendo o da Maria
 do finado Zacarias.
 Mas isso ainda diz pouco:
 há muitos na freguesia,
 por causa de um coronel
 que se chamou Zacarias
 e que foi o mais antigo
 senhor desta sesmaria.
 Como então dizer quem fala
 ora a Vossas Senhorias?
 Vejamos: é o Severino
 da Maria do Zacarias,
 lá da serra da Costela,
 limites da Paraíba.
 Mas isso ainda diz pouco:
 se ao menos mais cinco havia
 com nome de Severino
 filhos de tantas Marias
 mulheres de outros tantos,
 já finados, Zacarias,
 vivendo na mesma serra
 magra e ossuda em que eu vivia.
 Somos muitos Severinos
 iguais em tudo na vida:
 na mesma cabeça grande
 que a custo é que se equilibra,
 no mesmo ventre crescido
 sobre as mesmas pernas finas,
 e iguais também porque o sangue
 que usamos tem pouca tinta.
 E se somos Severinos

iguais em tudo na vida,
 morremos de morte igual,
 mesma morte severina:
 que é a morte de que se morre
 de velhice antes dos trinta,
 de emboscada antes dos vinte,
 de fome um pouco por dia
 (de fraqueza e de doença
 é que a morte Severina
 ataca em qualquer idade,
 e até gente não nascida).
 Somos muitos Severinos
 iguais em tudo e na sina:
 a de abrandar estas pedras
 suando-se muito em cima,
 a de tentar despertar
 terra sempre mais extinta,
 a de querer arrancar
 algum roçado da cinza.

3.3.3 3ª Etapa

Na terceira etapa, ocorreu a interpretação propriamente dita, pois os poemas foram analisados pelos alunos, com o auxílio do professor, instruindo-os para que não reduzissem sua visão apenas ao campo de exemplificação de uma certa questão gramatical ou a interpretações meramente didáticas. Foram apontadas algumas pistas para que os educandos chegassem ao conhecimento a partir da relação entre texto, autor e leitor.

Em um primeiro momento, no âmbito da poesia escrita, os alunos foram orientados a compreender o texto apenas através do que foi escrito. Por outro lado, pôde-se observar, bem como apontar, que há múltiplas possibilidades de compreensão de um texto, dada sua complexidade, porém os alunos, tal como deve ser, foram orientados para que não extrapolassem o que os textos podem significar, levando em conta a unidade temática dos poemas em questão. Ressaltou-se, no penúltimo poema, “A triste partida”, de Patativa do Assaré, como o uso da “língua matuta” contribuiu para a beleza do poema.

A etapa seguinte à da interpretação foi a exposição do entendimento de cada aluno a respeito de um dos textos. Nesse momento, o professor dobrou a atenção para que cada aluno permitisse que o outro expressasse sua opinião, mesmo que fosse divergente dos colegas. Isso

fez com que eles percebessem que são membros de uma coletividade e que compartilham conhecimentos semelhantes/distintos.

Ainda nesta terceira etapa, foi criado um grupo no WhatsApp, do qual os alunos participaram, postando poemas com a temática do sertão pesquisados em sites e blogs. A atividade foi comentada em aula, mas a riqueza da experiência foi justamente a troca espontânea de comentários sobre os textos postados dentro do próprio grupo.

3.3.4 4ª Etapa (Momento em que, de fato, acontece a escrita)

Em consonância com o que pensa Irandé Antunes, registra-se o seguinte:

Quando a escola se propõe a ensinar a produção de textos, na verdade, ela deverá objetivar capacitar o aluno para a prática social da múltipla e funcional comunicação oral e escrita. De outra maneira, não teria sentido nem o trabalho de quem ensina nem o esforço outro de quem se dispõe a aprender (ANTUNES, 2009, p. 165).

Realizadas as etapas anteriores, chegou o momento de os alunos produzirem seus próprios poemas. Para que eles utilizassem as variantes da língua, escreveram-se na lousa palavras que poderiam ser interpretadas de formas diferentes pelos participantes.

Irandé Antunes quanto à escrita ainda destaca:

Quero partir da admissão de que as deficiências mais significativas dessas produções advêm não de competências locais, ligadas a paradigmas linguísticos, principalmente aqueles de teor gramatical. Quero partir da confirmação de que a didática da escrita se tem concentrado na aquisição desses paradigmas gramaticais tem afastado professor e aluno do escopo mais amplo que constitui a atividade da escrita – a qual é processo que se realiza, repito, por uma série de operações e não ato isolado, dependente de competências imediatas e pontuais (Ibidem, 2009, p. 167)

Foi preciso também que eles retomassem os textos impressos para observarem como se organiza um poema. Igualmente necessário se fez dar algumas dicas sobre rimas e versificação. Porém é bom salientar que, do ponto de vista da linguagem, o poema é rico em sonoridades, não apenas das rimas, destacando-se as aliterações que surpreendem o leitor ouvinte.

Ainda para ilustrar essa 4ª etapa, faz-se mister destacar o que Goldstein define acerca da metrificação:

As noções de metro" e "ritmo" estão estreitamente ligadas em nossa tradição literária. As leis de metrificação ou versificação apresentam as normas a serem seguidas, estabelecendo esquemas definidos para a composição do verso. No sistema qualitativo, tais regras subdividem os versos pés ou segmentos, compostos de sílabas longas e sílabas breves. No sistema silábico ou acentual, elas determinam a posição das sílabas fortes em cada tipo de verso (GOLDSTEIN, 1987, p. 11).

3.3.5 5ª Etapa

Para encerrar, os alunos leram seus poemas e o professor organizou todos os textos para formar uma coletânea poética da turma, a qual será intitulada *Antologia do Sertão - Um desejo de articulação de saberes*, escrita pelos pequenos alunos e grandes poetas do sertão, mostrando que só o fazer coletivo pode, de fato, colocar em prática todos os anseios concernentes às ações relevantes no âmbito educacional.

E, por último, para que se torne um marco na vida dos alunos, bem como daquela comunidade a fim de que não caia em desuso os trabalhos desenvolvidos na escola, sugeriu-se a criação de um Blog e também de um coral perene como parte integrante da escola, abordando a temática em questão.

Para que tudo isso ocorresse, foi importante ensinar o aluno a trabalhar de forma coesa e participativa, mostrando, desta forma, o dinamismo da cultura.

3.3.6 Quadro resumo das etapas e atividades

	ATIVIDADES
1ª ETAPA	<p style="text-align: center;">1ª SEMANA</p> <p>1ª aula: Exposição/explicação do trabalho em sala: objetivos, sondagem, etapas e horizontes de expectativas.</p> <p>2ª aula: Apresentação dos vídeos com as duas canções “Luar do sertão” e “Deus e eu no sertão”</p> <p>3ª aula: Distribuição das letras das músicas: breve comentário acerca da MPB e interação a respeito do compositor e historicidade das duas canções.</p>
2ª ETAPA	<p style="text-align: center;">2ª SEMANA</p> <p>4ª aula: Distribuição dos textos e leitura silenciosa. Logo após a leitura em voz alta com entonação e uma boa articulação das palavras. Discussão a respeito da relação entre a linguagem e a intertextualidade.</p> <p>5ª aula: Elaboração do questionário para as entrevistas.</p> <p>6ª aula: Formação de grupos de quatro alunos; simulação das entrevistas e reformulação do questionário.</p>
3ª ETAPA	<p style="text-align: center;">3ª SEMANA</p> <p>7ª, 8ª e 9ª aulas: Ocorreu nesta etapa a interpretação propriamente dita, de modo que os textos foram analisados pelos alunos com o auxílio do professor. Em seguida, cada aluno expunha sua interpretação após a seleção de um dos textos.</p> <p>Nessa etapa foi criado um grupo no WhatsApp, do qual os alunos participaram, postando poemas com a temática do sertão pesquisados em sites e blogs</p>

<p style="text-align: center;">4^a ETAPA</p>	<p style="text-align: center;">4^a SEMANA</p> <p>10^a aula: Produção de textos (poemas) pelos alunos</p> <p>11^a aula: Dinâmica em grupo para identificar a metrificação, as rimas, as sonoridades, as aliterações presentes no texto.</p> <p>12^a aula: Identificação de algumas figuras de linguagem nos seus próprios textos.</p>
<p style="text-align: center;">5^a ETAPA</p>	<p style="text-align: center;">5^a SEMANA</p> <p>13^a, 14^a e 15^a aulas: Leitura dos poemas, exposição no mural da escola e organização da antologia.</p> <p>Por último, foram ouvidos os relatos de experiência e a opinião dos alunos acerca das atividades desenvolvidas.</p>

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

É notório que o trabalho de pesquisa, ora abordado, possui um fim prático e, conseqüentemente, foi criado um produto, uma antologia poética, que será utilizado por professores e alunos.

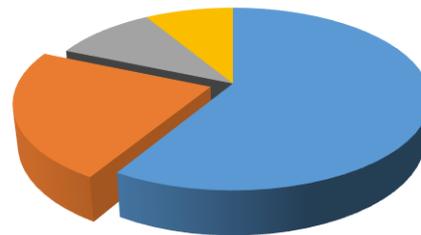
De antemão, vale ressaltar que, para verificar a aprendizagem e lograr êxito, observou-se a participação de cada aluno em todas as etapas metodológicas, de modo que pudesse instaurar alguns insumos suficientes para dar continuidade à prática pedagógica, objetivando alcançar o letramento através da poesia, erradicando os insucessos nas questões concernentes à leitura.

Nesta pesquisa foram envolvidos aproximadamente 30 alunos, bem como os professores de Redação e de Língua Portuguesa da escola envolvida. Foram propostas atividades voltadas para a leitura, a fim de se fazer uma triagem das mais diversas dificuldades nas séries finais do Ensino fundamental, configurando um levantamento de dados. Esses dados levantados foram categorizados para possibilitar as análises e reflexões à luz do referencial teórico.

Ao cabo, espera-se que a aplicação deste material, carregado de sugestões, atenda às expectativas dos alunos, professores, bem como de toda a comunidade escolar.

Segue abaixo um gráfico representativo que aponta os resultados e dados do projeto:

GRÁFICO REPRESENTATIVO



I - Nível de leitura dos alunos

- Nunca leu----- 53%
- Uma vez no mês-- 15%
- Sempre-----12%
- De vez em quando 20%

II –Idades dos familiares entrevistados

- 18 a 25 anos-----15 %
- 25 a 35 anos----- 27%
- 35 a 42 anos-----28%
- 42 a 55 anos-----30%

III – Nível de escolaridade dos familiares dos alunos

- Não estudou-----05%
- Ensino fundamental incompleto—13%
- Ensino fundamental completo-----25%
- Ensino médio incompleto-----27%
- Ensino médio completo-----16%
- Ensino superior incompleto-----11%
- Ensino superior completo-----03%

Os dados supracitados demonstram os resultados a partir dos questionários, bem como das oficinas desenvolvidas em sala de aula.

Vê-se notadamente que a análise que segue obedece a uma contingência didática em que optamos por agregar os desejos de articulação de saberes em cada um dos sete aspectos definidos, a saber: A imagem como um despertar ou um novo olhar; A leitura dos textos com entonação e destreza; A compreensão do conteúdo temático dos poemas; A análise dos textos e a dicotomia entre a realidade e a arte; A valorização da linguagem poética; A oficina como elemento atitudinal; O gênero poema (a percepção estética); e A produção de poemas.

4.1 Aspecto 1 – A imagem como um despertar ou um novo olhar

A imagem é, sem dúvida, uma forma de apreender uma maior atenção talvez para aquilo que eles já conhecem, e, contudo, não valorizam. A intencionalidade foi fazer com que os alunos tivessem um novo olhar, uma nova visão, uma nova perspectiva acerca daquilo que eles já veem com frequência, mas que tivessem uma visão diferenciada.

Foi observado nessa atividade uma certa inquietação, uma explosão de ideias. Dessa forma, era notável que os olhares, bem como a expressão facial dos alunos revelavam o interesse em participar de uma atividade tão peculiar, tão próxima da sua realidade.

Em suma, constatou-se que é necessário que eles se vejam e, destarte, busquem a sua verdadeira identidade.

4.2 Aspecto 2 – A leitura dos poemas com entonação e destreza

A poesia é um dos gêneros literários que, ao meu ver, mais instiga o aluno a refletir acerca da sua vida social, porque é viva, dinâmica. Contudo, tanto a leitura silenciosa como a oral podem ser barreiras para o encontro do discente leitor com o potencial interpretativo inerente a um poema.

Em consonância a isso, Pinheiro afirma que,

"[...] a leitura de textos poéticos tem peculiaridades e carece, portanto, de mais cuidado que a prosa". (PINHEIRO, 2002, p. 23)

Assim, buscamos valorizar os momentos de leitura, principalmente a leitura oral.

Embora os alunos tenham vindo, na sua maioria, da zona rural, e, por isso, tenham encontrado muitas barreiras, como as dificuldades de transporte, o fato de os pais não serem instruídos, o de saírem de uma turma multisseriada, o desempenho na leitura revelou ao menos o interesse em aperfeiçoar o próprio desempenho, por meio de atenção dada às observações docentes.

Após a leitura ou a audição, conversou-se com os alunos acerca do que eles entenderam do poema.

4.3 Aspecto 3 – A compreensão do conteúdo temático dos poemas

Neste aspecto, percebeu-se que na temática sertaneja é possível identificar, em vários trechos dos textos estudados, a existência de uma voz, de um eu lírico que, efetivamente, emana traços que são predominantes no seu contexto social.

Segundo Wendel Santos,

O poema, pelo seu caráter temático, oferece, então, uma visão mais fulminante. O bloqueamento estético, que sobrevém na obra literária de um modo geral, no modo lírico resulta de uma interposição da vivência (SANTOS, 1983, p. 66).

É óbvio que a unidade temática imbuída nos poemas pode render, na prática de ensinar, por conta da experiência que o sujeito tem em relação ao texto. Logo, nessa concepção, cujos textos tematizam o “sertão” e parecem aludir de maneira mais positiva a sua identidade ou contextualização histórica, principalmente quando enfatizamos a unidade temática como principal ferramenta.

4.4 Aspecto 4 – A análise dos textos e a dicotomia entre a realidade e a arte

Após o término da análise dos textos, foi possível desencadear um movimento para que a poesia na sala de aula seja um manifesto natural.

Nesse sentido, as ações desenvolvidas puderam conferir, justamente, essa dicotomia entre o real e a arte presente nos poemas em que o poeta busca mostrar o mundo de um jeito novo. Intenciona-se sensibilizar, convencer, fazer pensar ou divertir os leitores de forma inusitada.

Também aparecem, nos poemas analisados sentimentos de conflitos ou de amor a sua terra, a seu lugar, a sua origem.

Nesta perspectiva, pode-se incorrer que o poema é criado como se fosse um jogo de palavras, de modo que é importante discutir, antes de mais nada, em que os textos literários se distinguem dos não literários por despertarem um amplo sentido sobre tudo.

4.5 Aspecto 5 – A valorização da linguagem poética

Em relação ao uso da linguagem poética, na realização da exposição, deparamo-nos com algumas dificuldades, todavia estas não impediram que fosse apresentada a experiência estética que consistiu um momento privilegiado na formação do aluno-leitor.

Já que para Wendel Santos,

O lírico do poema, originando-se de um processo de subjetivação do mundo existente, propõe a realidade como um campo de experiência do pensamento (SANTOS, 1983, p.67)

Além de chamar a atenção dos alunos para a linguagem poética, os alunos foram levados a observar, também, como o poema se posiciona na página, apresentando margem tanto à direita quanto à esquerda do texto, ou seja, como se formasse um desenho com linhas descontínuas.

Por último, como possibilidade de desfecho, foi desenvolvida a competência estética, objetivando uma maior compreensão ou reação ao texto.

4.6 Aspecto 6 – A oficina como elemento atitudinal

As oficinas que foram desenvolvidas tiveram, sem dúvida, a intenção de auxiliar ou instigar os alunos a se inspirar na realidade que o cerca, bem como selecionar elementos do cenário e da vida da cidade para incorporar aos textos deles.

Dessa forma, ao desenvolver a oficina na sala de aula, começou-se pela sondagem acerca do poema, bem como dos elementos estruturais deste gênero. Por outro lado, não foi tão fácil o desenvolvimento da proposição de estratégias utilizadas pelo fato de muitos ainda

desconhecerem este gênero textual, todavia durante as atividades propostas pôde-se perceber um avanço muito grande no gosto pela leitura, pela análise do texto e, sobretudo pela produção do texto.

4.7 Aspecto 7 – A hora da escrita (produção de poemas)

Neste aspecto, onde, de fato, a escrita acontece os alunos foram direcionados a repensarem a sua realidade a fim de produzirem os seus próprios textos. A princípio a dificuldade foi imensa, uma vez que alguns não tinham a habilidade com o papel, ou seja, com a transcrição do pensar para a folha em branco. Todavia com o processo de refação textual o medo foi deixado para trás e as habilidades foram aparecendo.

O processo de produção foi muito prazeroso, visto que a escrita é um instrumento fundamental para inserir o indivíduo na sociedade, no mundo das letras, principalmente quando esses textos são expostos num mural ou reproduzidos numa antologia.

Para consolidar o resultado deste último aspecto, foram coletados 03 (três) textos que poderão ser localizados na seção apêndice, mais precisamente no apêndice H em caráter de amostragem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do desenvolvimento da pesquisa, tentou-se recuperar alguns autores estudados durante todo o curso. A partir da proposta apresentada, é preciso que professores, estudantes, estudiosos da língua e a mídia concebam o texto literário, mais precisamente o poema como um subsídio que poderá romper desafios, conquistar novos lugares, assim como novos adeptos para o mundo da escrita.

Vale ressaltar que os objetivos estabelecidos para este projeto de pesquisa foram atingidos, tendo em vista o rompimento, de certo modo, do didatismo que permeava o âmbito educacional há muito tempo.

Sabe-se que a escola, ainda aprisionada na cultura da pagus, privilegia-se a escrita, do texto estático, do conhecimento fragmentado e “territorializado”, precisa buscar as formas de lançar-se ao referido espaço do saber, caracterizando-o como um espaço dinâmico, flexível e multifacetado, capaz de se modificar a partir da interação dos sujeitos.

A temática do Sertão instigou o aluno a pensar acerca do lugar onde vive reascendendo esperanças, destacando pontos invisíveis para a sociedade. Todo esse brilho deve-se ao texto concreto, o poema que, por sua vez, buscou do aluno-escritor o seu olhar sobre algum aspecto do lugar onde vive.

Tendo em vista esta proposta, pôde-se perceber que, embora se enfrente algumas dificuldades é possível experimentar ou beber do prazer em consonância com o dever cumprido. Nosso sertão precisa de novas vozes e estas precisam ser ouvidas.

Logo, pode-se dizer que os resultados evidenciam que o desejo de articulação de saberes não se esgota neste âmbito, ou seja, esta proposta não deve ser considerada um produto, mas um processo.

6 REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. BORDINI, Maria da Glória. Literatura. **A formação do leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- ANTUNES, Irandé. Análise de textos: **fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ANTUNES, Irandé. Língua, texto e ensino: **outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ASSARÉ, Patativa. **Cante aqui que eu canto lá**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2004.
- ASSMANN, Hugo (org.). **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- ÁVILA, Vainer de. Poema "Caipira do sertão". Disponível em http://editora_beco_dos_poetas.com.br/profiles/blogs/o-leme-da-dignidade-e-caipira-dosert-o. Consulta realizada em 16 de fevereiro de 2016.
- AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCI, 2004, p. 41
- BACELLAR, Laura. **Ofício de Poeta: antologia**. 1.ed. São Paulo: Scipione, 2003.
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BOSI, Alfredo. Posfácio: **a poesia é ainda necessária?** In: _____. O ser e o tempo da poesia. 8. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa (1ª à 4ª série)**. Brasília, 1997.
- BRASIL. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBs)**. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- CAGLIARI L.C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2002.
- COSSON, Rildo. Letramento literário: **teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CRiado em 2009, WhatsApp cresceu mais rápido que Facebook em 4 anos. In: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/criado-em-2009-whatsapp-cresceu-mais-rapido-que-facebook-em-4-anos.html>. Acesso em: 10/02/2016.
- FLORES, Leandro. Poema "**Simplemente sertão...**" Disponível em <http://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=237178>. Consulta realizada em 16 de fevereiro de 2016.

GENS FILHO, Armando. Poesia e ensino: “O que será para uma borboleta rebocar um batelão!”. In: **Pensares em Revista**, São Gonçalo-RJ, n. 5, pág. 5 – 25, jul./dez. 2014, p. 1-21.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

GIROTTO, Cyntia e SOUZA, Renata Junqueira de. "Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem". In: SOUZA, Renata Junqueira de; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; ARENA, Dagoberto Buim e MENIN, Ana Maria **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 76.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo: Ática, 1987.

KLAUCK, Ana Paula. Reflexões sobre o estilo lírico: uma análise de poema na perspectiva de Emil Staiger. In: **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. Artigos da seção livre. 2009. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/download/5149/5782. Consulta realizada em 3 de fevereiro de 2016.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria Elias. **Ler e escrever: estratégia de produção textual**. 2. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

MELLO, Roger (2002). A arte olhando o mundo: **O olhar do artista**. In: *Leitura e imagem*. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/lii/liitxt2.htm>. Acesso em: 10/02/2016.

NETO, João Cabral de Melo Neto. Poema "Morte e vida severina". Disponível em [www.revistabula.com/449_os_melhores_poemas_de_joao_cabral_de_melo_neto/](http://www.revistabula.com/449_os_melhores_poemas_de_joao_cabral_de_melo_net/). Acesso em: 16/02/2016.

PAULINO, Graça. COSSON, Rildo. *Leitura Literária: A mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

RAMALHO, Christina. A poesia é o mundo sendo: **o poema na sala de aula**. In: **Revista da Anpoll** n° 36, p. 330-370, Florianópolis, Jan./Jun. 2014, p. 330-370.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**, 4. Ed. 5. reimp.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SECCHIN, Antonio Carlos. **A poesia e desordem**. Rio de Janeiro: Editora Top Books, 1996.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor**. Belo Horizonte: RHJ Editora, 2009.

SPLINGER, Maria Laura Pozzobon. Livro de imagem: **Quando a ilustração se faz dona da palavra**. Santa Catarina: Unisul, 2010.

Vídeos das músicas Luar do Sertão (Catulo Cearense) e Deus e eu no Sertão (Victor & Leo). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=r-8rsqTJi-0>. Acesso em: 20/06/2016.

WELLEK, René e WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. Nova York: Europa-América, 1971.

7 APÊNDICES

APÊNDICEA – Questionário para o aluno (6º ano)

- 1) Você costuma ler poemas?
- 2) Quais os poemas que você já leu?
- 3) O que percebeu ao ouvir/ler esse poema?
- 4) Você consegue imaginar o que o poema sugere?
- 5) É possível compreender melhor o sentido do poema depois de uma releitura?
- 6) Você consegue enxergar o assunto do poema da mesma forma que o poeta?
- 7) Você se recorda de algo semelhante ao que o autor deste poema descreve e que, por sua vez, lhe causou a mesma impressão?
- 8) O que lhe chamou mais atenção?
- 9) O que dizer em relação à estrutura do poema?
- 10) Agora, de acordo com o assunto abordado acerca da estrutura do poema, indique quantos versos e estrofes apresenta este poema?

APÊNDICE B – Questionário para os familiares do aluno (Entrevista)

Entrevistador:

Entrevistado:

1) IDENTIFICAÇÃO

a) Nome:

b) Idade:

c) Sexo:

2) ESCOLARIDADE

a) Não estudou ()

b) Ensino Fundamental: () incompleto () completo

c) Ensino Médio: () incompleto () completo

d) Ensino Superior: () incompleto () completo

e) Especialização () Qual? _____

3) Já leu algum livro? Qual?

4) Conhece alguma(s) poesia(s)? Cite-a(s).

5) Há quanto tempo está fora do âmbito escolar?

6) Qual o maior motivo de ter saído da escola?

7) Pretende retornar à escola?

8) Qual a importância da escola?

9) O que mudou na escola da época que você estudou para os dias de hoje?

10) Qual é, na sua opinião, a profissão mais importante?

APÊNDICE C – Questionário para o professor de Língua Portuguesa

- 1) Há quanto tempo leciona com essa disciplina?

- 2) Você tem explorado a poesia em sala de aula?

- 3) Que outros gêneros são explorados na sala de aula?

- 4) Como você costuma trabalhar a leitura em sala de aula? Quais são as estratégias?

- 5) Considera o ensino da escrita mais importante que o da leitura? Justifique sua resposta.

- 6) Quais são as suas expectativas em relação à leitura nos próximos dois anos?

- 7) Qual a sua maior motivação em relação às aulas de Língua Portuguesa?

- 8) Você acredita que há uma possibilidade de mudança quanto à prática de ensino?

APÊNDICE D – Roteiro de apresentação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – CAMPUS ITABAIANA/SE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
PROFESSORA: Christina Bielinski Ramalho
DISCIPLINA: Literatura e Ensino
MESTRANDO: José Augusto de Souza

A POESIA DO SERTÃO: UM DESEJO DE ARTICULAÇÃO DE SABERES

ROTEIRO DA APRESENTAÇÃO (oficina)

- Poema a ser trabalhado;
- Modelo de sequência didática;
- Primeiro passo da sequência didática: motivação;
- Passos para a motivação;
- Apresentação de pequeno vídeo: canção (Luar do Sertão);
- Segundo passo da sequência didática: Introdução;
- Informações sobre o autor do poema;
- Terceiro passo da sequência didática: Leitura;
- Passos no processo de leitura: planejamento, leitura, releitura;
- Quarto passo da sequência didática: Interpretação;
- Questões interpretativas acerca do poema “Triste partida”

APÊNDICE E – Glossário

No decurso das etapas, fez-se mister identificar e analisar terminologias e conceitos que foram empregados no projeto, de modo que possibilitou um princípio importante: o princípio de implementação. Eis alguns verbetes utilizados:

- 1- LEITOR MODELO: é denominado por Umberto Eco como aquele que dialoga com o texto, que faz inferências, agindo como coautor no processo da leitura e produção de sentidos a partir dela.
- 2- RECEPÇÃO TEXTUAL: implica a participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso sufocar-se a autonomia da obra.
- 3- HORIZONTE DE EXPECTATIVAS: são os quadros de referências que possibilitam a produção/recepção de um texto, bem como o limite do que é visível, sujeito às alterações devidas às mudanças de perspectiva do observador.
- 4- MÉTODO RECEPTIONAL: é uma alternativa metodológica capaz de promover a leitura crítica.
- 5- ATO DE PRODUÇÃO/RECEPÇÃO: as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas.
- 6- INTERTEXTUALIDADE: é basicamente o diálogo entre textos, relacionando-os, mostrando que nenhum texto vem do nada, mas de diálogos entre outros textos, escritos ou visuais.
- 7- ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: teoria da literatura responsável pelo estudo da leitura literária, relacionando-a ao ato de ler por dois vieses: o motivado pela obra e o projetado pelo leitor, em determinada sociedade.
- 8- HORIZONTE HISTÓRICO: no ato da leitura encontram-se os quadros de referências ou horizontes históricos do leitor e do texto, às vezes defasados ou diferentes, que precisam fundir-se para que haja a comunicação.
- 9- DETERMINAÇÃO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS: prevê estratégias de ruptura e transformação do mesmo, verificando os interesses dos alunos.
- 10- RUPTURA DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS: serão introduzidos textos e atividades de leitura que questionem as certezas e costumes dos alunos.
- 11- QUESTIONAMENTO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS: resultante da reflexão dos alunos das etapas anteriores.
- 12- AMPLIAÇÃO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS: resulta na consciência das alterações e aquisições, obtidas através da experiência com a literatura.
- 13- ASPECTO: qualidade ou característica peculiar, face, faceta.

APÊNDICE F – Transcrição dos pontos de vista dos alunos em relação ao gênero poema e a prática social (por amostragem)

1 – Aluno A

- Foi muito bom para mim essa nova experiência.

2 – Aluno B

- Eu não tinha o costume de ler poemas, mas gostei muito.

3 – Aluno C

- Como nós aprendemos, a minha vida a partir de agora será outra.

4 – Aluno D

- Agora posso me considerar uma pessoa ativa.

5 – Aluno E

- Precisamos colocar em prática não só a leitura de poemas, mas fazermos outras leituras, lermos outros textos.

6 – Aluno F

- Eu aproveitei as aulas que o senhor deu e agora já posso me considerar um leitor.

7 – Aluno G

- Eu acredito que a leitura é muito importante para todos nós.

8 – Aluno H

- Temos que colocar a leitura como uma das primeiras coisas em nossa vida.

9- Aluno I

- Tudo faz bem quando se faz com prazer.

10 – Aluno J

- A leitura agora faz parte da minha vida, antes eu tinha preguiça de ler.

APÊNDICE G – Imagens das etapas de execução do projeto
Figuras 1 e 2 – Pesquisa à Internet poemas do Sertão





Fonte: Arquivo particular do autor (2016)

Figuras 3 e 4 – Produção do gênero textual poema



Fonte: Arquivo particular do autor (2016)

Apêndice H –Textos produzidos pelos alunos (por amostragem)**TEXTO I:** A paisagem do Sertão

O Sertão é muito bonito
Tem alegria de montão,
Também é muito verde
Essa nossa região.

No meu Sertão há seca
Nem sempre o verde aparece,
Este lugar tão bonito
Quem vem aqui não esquece.

As folhas caem no chão
As flores caem também
Há coisas neste Sertão
Que em outro lugar não tem.

Gosto muito do Sertão
Que esteja seco ou florido,
Isso não importa não
Amo o meu sertão querido.

TEXTO II:O Sertão e a seca

O Sertão está seco
O povo não sabe o que fazer,
A seca tomando conta
Só vendo o gado morrer.

O Sertão estava seco
Agora não está mais
O povo estava com medo
De perder os animais.

O Sertão está na época
Do milho, pamonha e mungunzá,
Aqui também se preserva
A canjica, o arroz e o fubá.

Tem também muita fogueira
E milho assado na brasa

Soltando fogos a noite inteira
Brincando com a criançada.

TEXTO III: O meu Sertão querido

Vou falar do meu Sertão
Que é a minha história,
Eu amo de coração
E guardarei na memória.

Porque este é o meu lugar
Vou unir passado e presente
Não vou deixar de sonhar
E me orgulho de ser diferente.

Devo lembrar da escola
E fazer tudo que sei,
Mas o meu Sertão agora
É o lugar que sempre sonhei.

Aqui tem academia literária
Shopping aqui também tem
Olho para tudo e vejo
Este lugar me faz bem.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de confidencialidade

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
 CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
 Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
 Unidade Itabaiana

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: A poesia do Sertão: um desejo de articulação de saberes

Pesquisador responsável: José Augusto de Souza

Orientador: Prof.^a Dr.^a Christina Bielinski Ramalho

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

Local da coleta de dados: Colégio Estadual Cícero Bezerra

O pesquisador do projeto “A poesia do Sertão: um desejo de articulação de saberes” se compromete a preservar a privacidade dos sujeitos da pesquisa, cujos dados serão coletados através de questionários, gravações ou filmagens. O pesquisador também concorda com a utilização dos dados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. A divulgação das informações só será realizada de forma anônima e os dados coletados, bem como os Termos de Consentimento Livre Esclarecido e o Termo de Compromisso de Coleta, serão mantidos sob a guarda do Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede, da Unidade de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, por um período de (cinco anos), sob a responsabilidade da professora Christina Bielinski Ramalho. Após este período, os dados serão destruídos.

Itabaiana, ____ de _____ de 2016.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
José Augusto de Souza	
Christina Bielinski Ramalho (orientadora)	

Universidade Federal de Sergipe – Centro Campus Prof. Alberto Carvalho

Avenida Vereador Olímpio Grande, s/n Itabaiana – Sergipe. <http://www.itabaiana.ufs.br>

ANEXO B – Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
 CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO

Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)

Unidade Itabaiana

TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS

Título do projeto: A poesia do Sertão: um desejo de articulação de saberes

Pesquisador responsável: José Augusto de Souza

Orientador: Prof.^a Dr.^a Christina Bielinski Ramalho

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

Telefones para contato: (79) 99951-4873

O pesquisador do projeto supracitado declara estar ciente das normas, resoluções e leis brasileiras que normatizam a utilização de documentos para coleta de dados identificados e, na impossibilidade de obtenção do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), devido a óbitos de informantes, assume o compromisso de:

- I. Preservar a privacidade dos sujeitos, cujos dados serão coletados;
- II. Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do projeto em questão;
- III. Assegurar que as informações obtidas serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar os sujeitos da pesquisa.

Itabaiana, ___ de _____ de 2016.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
José Augusto de Souza	
Christina Bielinski Ramalho (orientadora)	

Universidade Federal de Sergipe – Centro Campus Prof. Alberto Carvalho

Avenida Vereador Olímpio Grande, s/n Itabaiana – Sergipe. <http://www.itabaiana.ufs.br>

ANEXO C – Termo de consentimento livre esclarecido

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
 CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
 Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
 Unidade Itabaiana

Termo de consentimento livre esclarecido

Eu, _____, aluno(a) do 6º ano do ensino fundamental, da Colégio Estadual Cícero Bezerra, localizado no município de Nossa Senhora da Glória/SE, autorizo o professor José Augusto de Souza a utilizar minha imagem e minhas produções referentes às atividades relacionadas ao projeto “A poesia do Sertão: um desejo de articulação de saberes”, desenvolvido pelo mesmo, em uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, junto à Universidade Federal de Sergipe.

Estou ciente de que as produções serão despessoalizadas e de que minha identidade será mantida em sigilo.

Nossa Senhora da Glória/SE, ____ de _____ de 2016.

 Assinatura por extenso

Como tenho menos de 18 anos, meu responsável legal também assina o documento.

Eu, _____, residente na cidade de _____, no Estado de Sergipe, assino a cessão de direitos da produção do aluno acima identificado, desde que seja preservado o sigilo como manda o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, resolução 196/96 versão 2012.

Nossa Senhora da Glória/SE, ____ de _____ de 2016.

 Assinatura por extenso

Universidade Federal de Sergipe – Centro Campus Prof. Alberto Carvalho

Avenida Vereador Olímpio Grande, s/n Itabaiana – Sergipe. <http://www.itabaiana.ufs.br>